

OFICINA DA PALAVRA

ACTIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA 2

PORTUGUÊS

ENSINO BÁSICO – 3º CICLO

MARIA DE LOURDES SOUSA
RUI VIEIRA DE CASTRO



ISBN 972-41-0878-3



9 789724 108780

Nr de Código 134113



EDICÕES ASA

OFICINA DA PALAVRA

ACTIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA 2

•
PORTUGUÊS

ENSINO BÁSICO — 3.º CICLO

MARIA DE LOURDES SOUSA
RUI VIEIRA DE CASTRO



EDIÇÕES ASA

Título
OFICINA DA PALAVRA
Actividades de Leitura e Escrita 2

Ensino Básico
3º Ciclo

Autores
Maria de Lourdes Sousa
Rui Vieira de Castro

Design/Execução Gráfica
EDIÇÕES ASA—Divisão Gráfica
Telef. 9732521/Telex 26833 P/Telefax 9716610
Rua D. Afonso Henriques, 742/4435 RIO TINTO

Ano/Edição/Nº de Exemplares
1991/1ª Edição/2500 Ex.

Depósito Legal
Nº 44 420/91



EDIÇÕES ASA

Sede

R. Mártires da Liberdade, 77/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX
Telefs. 2002279-70/2014183/2014672/Telex 24389 P/Telefax 2013808

Delegação

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110 (Chelas/Olivais)/1900 LISBOA
Telefs. 8596176/8596251/8596276/Telex 64894 P/Telefax 8597247

Livraria ASA Papelaria

R. de Avis, 9-R. da Fábrica, 74/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2007725

Livraria ASA Infantil e Juvenil

R. Galeria de Paris, 118/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2080513

Livraria ASA Material Didáctico

R. Cândido dos Reis, 137/Apartado 4263/4004 PORTO CODEX/Telef. 2014884

Aos estudantes

Os exercícios que te propomos pretendem ser um instrumento de trabalho capaz de te ajudar a ler e escrever cada vez melhor, ao mesmo tempo que procuram contribuir para que encares estas actividades de uma forma positiva. É nossa intenção que, ao resolvê-los, não estejas apenas a utilizar conhecimentos já adquiridos na escola, mas que estejas sobretudo a aprender como se lê e como se escreve. Por isso, tanto nas actividades de interpretação como nas de escrita encontras os passos que geralmente damos quando lemos ou escrevemos. A nossa expectativa é que possas, posteriormente, transferir alguns dos procedimentos que te aconselhamos para outras situações, quer de estudo quer lúdicas.

Embora o livro seja constituído por unidades autónomas, estas mantêm relações entre si, pelo que julgamos desejável que tenhas em conta a ordem por que te são apresentadas; também dentro de cada unidade, a ordem das questões tem um sentido determinado e, assim, é importante que vás resolvendo os exercícios pela ordem em que aparecem.

Ao longo do livro encontrarás actividades que não envolvem necessariamente a realização de uma leitura ou a redacção de um texto; são exclusivamente actividades de reflexão, por nós consideradas muito importantes, e não deves, por isso, ceder à tentação de as ultrapassar sem as realizar. Esta atitude reflexiva deve, aliás, acompanhar a realização de todas as actividades.

Vais encontrar também assinaladas com um asterisco (*), que te remete para uma nota explicativa, palavras que poderão não fazer parte do teu vocabulário; se, para além dessas, aparecerem outras palavras ou expressões que não conheces ou sobre as quais tens dúvidas, deves procurar esclarecer-te (sempre que não te seja dada instrução em contrário), através da consulta de materiais de apoio como dicionários, gramáticas e enciclopédias.

Aos professores

O livro que agora se publica é constituído por conjuntos de exercícios que foram concebidos no sentido de favorecerem, entre os alunos do ensino básico, a aquisição e a consolidação dos processos envolvidos na leitura, o desenvolvimento da capacidade de ler criticamente, a aquisição de sistemas de regras em matéria de construção de textos escritos e o estabelecimento de atitudes positivas para com a escrita e a leitura.

As propostas de trabalho que apresentamos assentam no entendimento da aula de Português como contexto cujas práticas constitutivas se devem orientar prioritariamente para o desenvolvimento da capacidade de controlar o uso da língua portuguesa de modo a garantir:

- a adequação das modalidades de compreensão e expressão ao contexto de comunicação e aos objectivos comunicativos e, simultaneamente,
- a intervenção crítica, tanto pela compreensão como pela expressão, em diversas situações comunicativas.

Esta formulação de objectivos pressupõe um entendimento da linguagem verbal como forma privilegiada de compreensão, expressão e transformação do Eu, do Mundo e das suas inter-relações.

Relativamente às práticas de leitura, assumimos como princípio que estas devem ser entendidas na aula de Português como meio de desenvolvimento das capacidades que um leitor competente mobiliza quando lê textos, como processo de conhecimento do próprio leitor e do mundo e, também, como prática lúdica. Evitamos, pois, a redução da leitura escolar à aquisição de conhecimentos sobre o funcionamento do sistema literário e à utilização dos textos como instância para a verificação das características da estrutura e do funcionamento da língua. Relativamente às práticas de escrita, entendemos que elas devem promover a aquisição dos mecanismos de estruturação textual, designadamente de coesão e coerência, a aquisição de regras de natureza sociolinguística (que envolvam a capacidade de adequar o texto produzido ao contexto da sua produção e às suas finalidades comunicativas) e a aquisição de comportamentos associados ao processo de escrita (que induzam a percepção do texto final como resultado de um

processo complexo de elaboração). Trata-se, em síntese, de entender a escrita de qualidade como a resultante da capacidade de articular a análise dos factores da interacção com a organização e controlo do processo de produção do texto.

Os exercícios que propomos encontram-se organizados em unidades que se desenvolvem à volta de textos ou trechos; assume-se e reforça-se, portanto, o princípio de que na aula de Português todas as actividades devem partir do texto ou a ele conduzir. Para além dos exercícios que, em cada unidade, se reportam directamente ao texto principal, são apresentadas sugestões de actividades prévias e complementares; tais actividades podem envolver simultaneamente a leitura e a escrita; esta opção radica no pressuposto de que os textos são passíveis de diversas abordagens e que as suas características os tornam capazes de servir o treino e o desenvolvimento de múltiplas capacidades.

Julgámos importante, quer no sentido de facilitar a análise dos exercícios quer no de facilitar a sua transformação ou recriação, explicitar para cada conjunto os objectivos das actividades de leitura e escrita. Neste mesmo sentido, acrescenta-se no final do livro uma bibliografia comentada, em que se incluem algumas das obras que para nós têm constituído uma referência importante.

Os exercícios apresentados podem ser realizados em situações diversificadas: podem constituir o núcleo de aulas de interpretação de texto ou de prática de escrita ou podem constituir actividades de apoio àquelas que são realizadas na aula.

Apesar de elegerem como interlocutor prioritário os alunos (é a eles que as instruções se dirigem), parece-nos que a sua realização, se orientada pelos professores, poderá ser mais produtiva, poderá assegurar uma melhor integração curricular e também uma maior adequação às necessidades particulares dos alunos. As actividades foram pensadas, sobretudo, em função de estudantes de um nível intermédio do 3º ciclo do ensino básico; julgamos, no entanto, que a perspectiva adoptada permite sem grandes dificuldades um ajustamento a outros níveis já que as actividades propostas, ao envolverem diferentes graus de complexidade, visam alunos com níveis de competência diversos.

UNIDADE	TEXTO	PÁGINA	OBJECTIVOS DAS ACTIVIDADES							
			Mobilizar conhecimentos	Formular hipóteses	Identificar	Inferir	Reorganizar informação	Dar opiniões	Formular juízos de valor	Adequar estratégias de leitura
1	Pescaria	9			X		X			
	Amor escreve-se com água	11	X	X	X	X				
2	Peregrinação (adaptação)	19			X	X	X			X
	História Trágico-Marítima	24			X		X			
3	Circular nas cidades	25	X		X					X
	Motoristas de táxi	29			X					
	A sociedade e os climas	30			X					
4	O molho	34	X	X	X	X				
5	Entrevista	36	X	X	X	X	X			X
6	A área linguística galaico-portuguesa	44			X		X			X
7	A guerra das carnes	51			X					
8	Cavalos	59		X	X	X				X
	O relógio	60				X				
	Poema do Homem-Rã	62								X
	Frutos	63				X	X			
	Rifão quotidiano	64								X
9	Uma vida melhor	67	X	X	X	X	X	X	X	
	É triste ser-se crescido	77								X
10	Serra da Peneda	78			X	X	X			
	Guia de Portugal	83			X	X	X			X
11	Minas de Salomão	87	X	X		X	X			X

OBJECTIVOS:

mobilizar e integrar conhecimentos pessoais; formular hipóteses; inferir sentidos; distinguir ideias principais de ideias secundárias.

ACTIVIDADES

1

Observa a imagem seguinte:



Responde agora às perguntas:

a) O que pretende esta imagem ilustrar?

b) É suficientemente esclarecedora? Porquê?

c) Que outros modos conheces de tratar este assunto?

d) Lê o seguinte texto:

PESCARIA

Fui à pesca lá no Tejo
 Picaram nove tainhas
 Que mal isso pode ter!
 Peixe forte e sabedoiro
 Brilha, salta e chapinha.

Foi num barco de madeira
 Que aluguei a um pescador
 Que mal isso pode ter!
 Há quem viva alugando
 O ar que nós respiramos.

E que o digam os peixes do mar
 Se a água lhes sabe bem
 Ou se o óleo é salgado?
 Se é tinta, se é nafta?
 O choco é que não tem culpa.

E num sonho que tive
 Homem e peixe se uniram
 Pescadinhas de olhos verdes
 Com as fraldas por mudar
 Não me canso de tanto sonhar!

João Gil

O texto que acabaste de ler é a letra de uma canção dos Trovante. Achás que fala de poluição? Justifica a tua resposta.

e) Dá a tua opinião sobre as consequências da poluição.

No mar: _____

Na terra: _____

No ar: _____

2

O texto que vais estudar intitula-se: “Amor escreve-se com água”.

a) Que tipo de texto será?

Uma carta? Um conto? Uma notícia? _____

Pensa nas razões que estiveram na base da tua escolha.

b) Será a poluição o assunto do texto?

Que elementos justificam a tua resposta?

3

O texto começa e acaba assim:

“Querida

Acabo de receber a carta que me enviaste pelo cabo submarino. Vinha um pouco húmida, mas, dada a enorme distância líquida que nos separa, é perfeitamente compreensível.

Águas transparentes para ti, meu amor
do teu
Estêvão”

Confirmaram-se as tuas hipóteses? _____

Que tipo de texto é então e de que tratará? _____

4

A partir daqui podes igualmente fazer suposições sobre o emissor e o receptor desta carta.

Quem a poderá ter escrito? _____

E a quem? _____

5

a) Vais agora, através de uma leitura rápida de todo o texto, verificar se as hipóteses anteriores se confirmam ou não.

AMOR ESCREVE-SE COM ÁGUA

“Querida

Acabo de receber a carta que me enviaste pelo cabo submarino. Vinha um pouco húmida, mas, dada a enorme distância líquida que nos separa, é perfeitamente compreensível.

Senti-me contente por te saber bem, assim como os pequenos, nessa calma profunda e silenciosa de que já tanta saudade tenho.

O nosso trabalho, aqui, vai prosseguindo, lento mas eficaz. As falésias do litoral estão já suficientemente corroídas pelo nosso labor persistente, para permitir que as brigadas de chernes escavadores recentemente chegadas dos mares do Sul comecem a actuar em profundidade.

Também a infiltração e demolição nos rios se tem feito como convém, obedecendo com

rigor ao plano estabelecido, tudo na maior ordem e sigilo, graças às informações de uma exactidão realmente admirável que os salmões exploradores nos têm fornecido.

Creio que esta parte do continente em breve começará a oscilar, a desaparecer nas águas, o que marcará o verdadeiro início do Grande Salto para o Fundo.

Segundo informações concretas que aqui obtive, fiquei a saber que as Brigadas de Choque dos tubarões-martelo estão já a concentrar-se nas zonas previstas. Isto, por enquanto, é segredo rigoroso como calculas, claro.

Compreenderás, querida, quanto me custa o estar tanto tempo separado de ti e dos pequenos mas, quando todos nós sabemos que este esforço culminará na aparição de um mundo melhor em que as águas serão realmente limpas e seguras, a separação torna-se mais suave.

Lembras-te da grande baleia branca que às vezes avistávamos aquando das férias que costumávamos fazer no Norte e a quem os pequenos chamavam tia Josefa? Pois trabalha agora connosco; dirige as equipas de ataque com icebergues, calcula tu!

Apenas temos de lamentar certos golfinhos que se tornaram colaboracionistas, o que nos obrigou a expulsá-los. Felizmente são apenas casos esporádicos, talvez até recuperáveis.

Como vês, estamos realmente trabalhando para um futuro em que os novos de todos os mares possam vir a ter uma vida livre e digna.

Querida, despeço-me de ti com saudade mas, também, com orgulho. Diz aos pequenos que o pai os recorda constantemente. Tem cuidado com o Chuxo, ultimamente andava com as guelras inflamadas. Não lhes dês algas poluídas, é um perigo, bem sabes.

Águas transparentes para ti, meu amor
do teu

Estêvão”

Mário-Henrique Leiria, *Novos Contos do Gin*, Lisboa, Editorial Estampa, 1973.

b) Manténs as hipóteses que formulaste, particularmente em 2. b) e 4.?

Regista eventuais alterações.

6

Agora que já tens uma ideia do assunto e das características do texto, vais lê-lo de uma forma mais detalhada. Começa por identificar e transcrever todas as palavras e/ou expressões do texto que se possam relacionar com a poluição.

7

A destruição dos continentes está, neste texto, a cargo de várias espécies.

No quadro que a seguir te apresentamos regista as tarefas distribuídas a cada uma e o porquê de tal distribuição, para o que deves consultar outras fontes de informação (enciclopédias, por exemplo).

QUEM?	O QUÊ?	PORQUÊ?
Chernes		
Salmões		
Tubarões- -martelo		
Baleia		

8

Como verificaste, o texto não te dá toda a informação necessária para o preenchimento do quadro. Em alguns casos, e para preencheres a coluna sobre a tarefa que cada espécie tinha a seu cargo (O QUÊ?), foi preciso recorrereres a informação que já possuías ou que procuraste para a coluna do PORQUÊ?.

Assinala na coluna O QUÊ? o que está explícito, isto é, o que está dito no texto [utiliza a abreviatura “Expl.”], e o que tiveste de inferir, isto é, de descobrir a partir dessa outra informação [utiliza a abreviatura “Inf.”].

9

Os golfinhos, como pudeste ler, foram expulsos da conspiração dos animais marinhos. Com base no conhecimento que tens sobre golfinhos, explica o sentido de “colaboracionistas”.

10

Imagina-te um espião encarregado de recolher e transmitir informações sobre o andamento da revolta dos peixes. Tens de usar a via telegráfica, por isso não podes entrar em detalhes. Num mínimo de palavras, redige a informação essencial de cada parágrafo do texto que leste (repara que nem todos os parágrafos se referem à revolta dos peixes).

11

Tenta agora completar a resposta que o Estêvão recebeu na volta do correio. Para o fazeres deves ter em conta a carta por ele enviada.

Estêvão

_____ recebi a tua carta; vinha um pouco a cheirar a _____ mas fiquei muito _____ por saber que estás bem.

Nem imaginas quem ma trouxe: _____ ! Afinal, nem todos são _____. Este é dos que ajudam na nossa _____ de tornar os _____ mais _____ e _____ para viver, acabando de vez com os _____ que não pensam no mal que fazem à _____ .

As _____ por aqui estão tão _____ que é já quase impossível arranjar _____ saudáveis para os miúdos.

O _____ está melhor das _____ e anda entusiasmadíssimo com a ideia de se juntar aos _____ para obter informações sobre os rios.

Tenho de me arranjar para levar os mais novos à escola e, por isso, não escrevo mais, apesar das saudades. Fica sabendo que não me _____ de ti.

Mares _____ para ti
Salmonela

OBJECTIVOS:

inferir sentidos pelo contexto; adequar estratégias de leitura; identificar e reorganizar informação textual; compreender mecanismos de estruturação textual; inferir características de género.

ACTIVIDADES

1

O texto que a seguir vais ler é um excerto da adaptação feita por Aquilino Ribeiro do livro *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Porém, antes de começarmos o estudo do texto, vamos procurar saber alguma coisa sobre o autor e a sua obra. Com esse objectivo, vais consultar um dicionário de literatura*, onde poderás recolher informação sobre Fernão Mendes Pinto (procurarás em Pinto) e a sua obra *Peregrinação*.

Utiliza a seguinte ficha como auxiliar da tua tomada de notas:

Obra:	Autor:
Data da sua elaboração:	Data de nascimento:
Local:	Local:
Data de publicação:	Data da morte:
Características gerais:	Local:
.....	Data da partida para a Índia:
.....	Principais locais por onde passou:
.....
.....
.....
.....
.....	Data do regresso a Portugal:

* O mais divulgado entre nós, e que poderás consultar para a realização deste exercício, é o "Dicionário de Literatura" dirigido por Jacinto do Prado Coelho.

a) A partir destas notas redige um pequeno texto informativo que possa ser publicado no jornal da tua escola ou mesmo da tua terra. Começarás por apresentar o autor.

Fernão Mendes Pinto

b) Atribui ao teu texto um título adequado.

Na passagem da *Peregrinação* que vais ler encontram-se algumas palavras que, hoje em dia, não são de uso muito corrente. Antes de ires ao dicionário procurar saber o seu sentido, tenta inferi-lo a partir dos exemplos que aqui te são dados:

a) "... *salvo* enterro de rei..."

1. Salvo raras excepções, leio o jornal todos os dias.
2. Salvo erro, estive lá a semana passada.
3. Trabalhamos todos os dias, salvo domingos e feriados.

"salvo" significa, assim:

- excepto
- no entanto
- apesar de

b) "...após *venturosa* se bem que longa travessia"

1. Com os seus problemas resolvidos, teve uma velhice venturosa.
2. O abandono prematuro da profissão resultou de uma aliança pouco venturosa com os seus sócios.
3. A sua vida no estrangeiro foi venturosa. Em tudo o que se metia, saía-se bem.

"venturosa" significa:

- perigosa
- afortunada
- aventureira

c) "... sempre com ventos *prósperos*."

1. O mês de Janeiro, durante o qual triplicou a produção, foi um mês próspero para a fábrica.
2. Com uma vida pouco próspera, decidiu emigrar.
3. Desejo-te um próspero Ano Novo.

"com ventos *prósperos*" significa que os ventos foram:

- violentos
- favoráveis
- irregulares

d) "... abandonou-nos a *fortuna*."

1. A roda da fortuna não o favoreceu, tudo lhe correu sempre mal.
2. Hoje sorri-me a fortuna, ainda consegui apanhar o avião.
3. Em questões de trabalho, não devemos confiar na fortuna.

"fortuna" significa pois:

- riqueza
- sorte
- felicidade

e) "... fui cativo dos Moiros, *posto em hasta pública*"

1. Na sequência da falência, os seus bens foram vendidos em hasta pública.
2. As famílias brancas do Sul da América compravam os escravos negros em hasta pública.
3. Como se vão vender os móveis em hasta pública, qualquer de nós pode tentar comprar aquela escrivaninha.

"posto em hasta pública" significa então

- vendido ao desbarato
- leiloado
- vendido por alto preço

Vais ler agora a primeira parte de um excerto da *Peregrinação*. Ao fazê-lo, sublinha os lugares por onde passou Fernão Mendes Pinto.

"Sentido da miséria e estreiteza da casa paterna, deslumbrado, não menos, pelo exemplo de muitos que chegavam do Oriente a estoirar de ricos, também eu me embarquei para a Índia a tentar a sorte. Foi no ano em que se recebeu em Lisboa com pompa nunca vista, salvo enterro de rei, a ossada do conde almirante D. Vasco da Gama.

Mal cheguei a Diu, após venturosa se bem que longa travessia, alistei-me numa fusta, pequena nau de guerra que tinha por missão secreta ir ao mar Vermelho espreitar os movimentos do Turco. Corremos o estreito de Meca e deitámos até a terra do Prestes João, sempre com ventos prósperos. À volta, porém, abandonou-nos a fortuna. Por minha parte fui cativo dos Moiros, posto em hasta pública, comprado por um grego sem alma nem lei que me vendeu a um judeu, o qual me levou a Ormuz, onde fui resgatado com o produto de esmoladas tiradas de porta em porta.

Estava na força da vida, não houve mal que me dobrasse. Tempos depois, via-me na corte de Bata como embaixador do capitão de Malaca; semanas adiante, o rei de Áru dava-me agasalho em sua casa e com ele passava revista às suas obras de guerra. Aqui me demorei mais tempo do que era minha intenção.

Cumprido, porém, o meu recado, que era trazer-lhe armas, pois andava de guerra acesa com o rei de Achém, nosso figadal inimigo, me despedi o mais cedo que pude”.

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, adaptação de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987.

5

Para melhor te situares e compreenderes por onde andou Fernão Mendes Pinto, procura identificar num atlas histórico as cidades/regiões referidas no texto.

6

A partir das pistas que o texto te dá (por exemplo, “Foi no ano em que se recebeu em Lisboa... a ossada do conde almirante D. Vasco da Gama”), vais tentar reconstruir, com auxílio do quadro que a seguir te apresentamos, a cronologia das viagens de Fernão Mendes Pinto. Para isso identifica, em primeiro lugar, as expressões de tempo; depois, procura todas as formas verbais conjugadas na 1ª pessoa, que te dão informações sobre os factos narrados; por fim, associa-os aos lugares. Terás então um quadro cronológico completo.

TÁBUA CRONOLÓGICA		
Tempo	Factos	Lugares

7

A leitura que atrás fizeste permitiu-te ficar com uma ideia da vida que Fernão Mendes Pinto teria levado, e, igualmente, da sua personalidade. Dos adjectivos seguintes escolhe aquele que, em tua opinião, melhor o caracteriza:

- aventureiro
- desembaraçado
- destemido

Certamente, a palavra que seleccionaste não é suficiente para caracterizar Fernão Mendes Pinto. Escolhe mais três adjectivos que, juntamente com o que anteriormente seleccionaste, possam constituir, do teu ponto de vista, um retrato mais exacto do nosso personagem:

8

Vais ler agora a segunda parte do trecho. Se encontrares alguma palavra/expressão de que desconheças o sentido não pares porque o seu significado pode tornar-se evidente após a leitura da totalidade da frase ou até do texto; deves recorrer ao dicionário só no caso de, após a leitura, te parecer que o conhecimento exacto da palavra/expressão é fundamental para a compreensão da informação global.

“Era quase sol-posto quando começámos a descer a remo aquele rio de Puneticão até à aldeola que lhe fica na foz, e se compõe de umas quinze a vinte choupanas, todas elas de colmo. A gente é muito pobre e vive da caça aos crocodilos, com os fígados dos quais fabrica uma peçonha como não há segunda por estas partes, porquanto as flechas envenenadas com ela causam morte certa.

Ao outro dia, mal amanheceu, fomos velejando ao longo da costa, soprados por ventos da terra, até que chegante à noite nos fizemos ao largo. E tínhamos já dobrado os ilhéus de Anchepisão, ainda no primeiro quarto, quando desabou sobre nós uma trovoadade noroeste, destas que são frequentes nas paragens de Samatra e nesta altura do ano. E tão repentina e desabrida foi que nos rompeu velas e mastro e abriu três rombos na embarcação por onde a água entrou com tal ímpeto, que em menos de um credo, nos fomos ao fundo, de vinte e oito pessoas salvando-se cinco, com o fato apenas que traziam no corpo.

Cuspidos à costa, veio a manhã encontrar-nos de cima de uns penedos, batendo o dente e chorando a nossa desventura. A terra era alagadiça e, coisa de pasmar, com mato tão soberbo e cheio de espinhos que, através dele, não passava pássaro quanto

mais homem (...) Da outra banda da ribeira viam-se árvores altas e grandes, nas pernadas das quais, se lá nos apanhássemos, poderíamos dormir a noite descansada, a salvo de tigres e caimões que infestam a ilha, sem falar de outras alimárias como a cobra de capelo e certas serpentes, tão peçonhentas que só com o bafo matam”.

9

Compara as duas partes do texto com o objectivo de identificar aquilo que as distingue. Assinala com + ou – cada um dos aspectos que te são apresentados no quadro comparativo seguinte, consoante eles estejam mais ou menos presentes nas partes analisadas.

QUADRO COMPARATIVO		
	1.ª parte	2.ª parte
Lugares		
Peripécias		
Fauna		
Flora		
Costumes		

10

As duas passagens da *Peregrinação* que foram comparadas apresentam as características mais marcantes da literatura de viagens. Quais te parecem ser essas características?

11

Compara a tua resposta com a seguinte transcrição da *História da Literatura Portuguesa*, da autoria de António José Saraiva e Óscar Lopes:

“*Carácter geral da literatura de viagens* — A revelação de novos espaços, paisagens, floras, faunas, costumes e religiões, as aventuras e peripécias de viagens mais fabulosas que as dos romances de cavalaria e as dos poemas da Antiguidade inspiraram, como vimos, uma vasta literatura descritiva e narrativa (...) Vem já da Idade Média o gosto por este género de livros, como se vê pelo sucesso do *Livro de Marco Pólo*, cuja tradução portuguesa foi impressa em Lisboa, 1502.(...) O mais interessante livro de viagens do século XVI português, e um dos mais interessantes da literatura mundial, é a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (...) A ficção e a realidade entrelaçam-se admiravelmente na *Peregrinação*, porque o autor soube imprimir a tudo quanto quis contar-nos uma aparência verosímil de coisa vivida, geralmente convincente mesmo quando descreve regiões que não visitou, ou inventa situações e personagens. Quer as descrições de cidades e civilizações, quer as narrativas das suas vagabundagens pelo Oriente têm uma extraordinária força presencial”.

A. J. Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, (6.ª ed.), Porto, Porto Editora.

12

O naufrágio que Fernão Mendes Pinto sofreu após ter dobrado os ilhéus de Anchepião é-nos sumariamente relatado.

Imagina-te um dos companheiros de Fernão Mendes Pinto e redige um pequeno texto em que dês conta, mais detalhadamente, do naufrágio. Para que possas usar alguma linguagem mais técnica e te possas aperceber do dramatismo da situação, lê o que a *História Trágico-Marítima* nos conta sobre o naufrágio da nau S. Paulo.

“O vento sobre a noite começou a abrandar algum tanto, mas não que por isso o mar de sua fúria e braveza mitigasse; tanto que acalmou, tudo foram trovoadas, e chuviros grandíssimos, e cerrações, com que sobreveio a noite escuríssima, e espantosa; porque a cada trovoada ficávamos soçobrados, e debaixo da água, no rolo das ondas, que nos comiam, e desfaziam com as trovoadas, e todas iam para terra, e nos lançavam, e chegavam o mais que podiam a ela. Assim andando às rodas (e ao nacibo, como cá dizem) dando-se já todos por perdidos, não havendo já quem entendesse em nada, nem tivesse conta com o trabalho, havendo-o por perdido, e por de mais; e despedindo-se o pai do filho, o irmão do irmão, e o matalote do matalote, e pedindo cada um perdão ao outro, e fazendo-se geralmente todos amigos (...) Assim que tamanha noite como esta foi de um comprido ano. De madrugada surgimos como uma amarra sobre terra, contentando-nos na clareza do dia, e pedindo isto só a Deus de mercê e esmola nos mostrasse sua luz, e acabássemos, e morrêssemos nela.

Não tardou muito em romper, e vir a manhã, e tornando a cair o mesmo vento oeste, que bem podíamos dizer e afirmar que, se nos deu salvação e vida no cabo de Boa Esperança, aqui no-la tornou a tirar, pois nos destruiu, e matou a todos, uns acabando logo, e fugindo de trabalhos desta vida, outros morrendo por mil maneiras de cruzezas, e os mais estilados, consumidos com inescrutáveis e incrédíveis trabalhos, e exprimentando todas as misérias humanas. Assim que multiplicando-se o vento ao esclarecer do dia com suas contínuas trovoadas, que nunca cessaram, e chuveiros imensos, e o vento de refegas, súbito, e mui furioso, com que nos foi necessário deitar outra amarra que só tínhamos de linho, e nova para com ela nos sustentarmos o melhor que pudéssemos; e em a deitando trincou logo, por ser todo o fundo de coral, que cortava como uma navalha. E assim nos achámos sobre um ilhéu (...) indo sobre o ilhéu picámos a outra amarra, para ver se com o vento, que nos ficava em popa, nos podíamos meter para dentro de uma enseada, que diante de nós por proa tínhamos, grande e mui fermosa, abrigada de todos os ventos; o que não pudemos nunca fazer, por falta de velas, nem as termos consertadas, senão tudo em migalhas, e sem nenhum aparelho: e em acabando de cortar a amarra, acabámos de dar no ilhéu, que era de rochedo, todo mui íngreme, e redondo, como um castelo feito à mão, com algumas poucas árvores em cima, em que a nau deu três pancadas, uma após outra, grandíssimas, e de muito temor e espanto, sem fazer nada, nem abrir, em que mostrou ser bem forte e rija. E assim caiu, e se encostou, e ficou sentada no fundo para a banda de estibordo, que era para a que sempre pendeu e para a que sempre se inclinou; e logo se encheu toda de água, ficando toda a proa debaixo dela: só a popa ficou de cima, aparecendo-lhe toda a quilha dela por bombordo; cortámos os mastros por nos não desfazerem a nau de todo, e foram com as vergas ao mar, ficando pegado tudo com a enxárcia. Desta maneira ficou a triste e lamentável nau desfeita e quebrada nesta ilha oculta, e inabitada, em terra fria, dia do bem-aventurado S. Vicente, ano de 1561 e a vinte e dous de Janeiro.”

Henrique Dias, “Relação da viagem e naufrágio da nau S. Paulo”
in Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima* – 1, Lisboa, Edições Afródite, 1971.

3

OBJECTIVOS:

compreender mecanismos de estruturação textual; adequar estratégias de leitura; mobilizar e integrar conhecimentos da organização textual; identificar e classificar categorias linguísticas.

ACTIVIDADES

1

O texto que a seguir vais estudar pode incluir-se num tipo mais geral chamado dissertação. Faz parte da estrutura deste tipo de texto uma primeira parte que contém a tese a comprovar, isto é, o problema que se vai discutir. Vários são os modos de apresentar essa tese: uma frase geral, uma interrogação, uma citação, etc.
Lê o texto e identifica a expressão em que se apresenta o problema.

“Circular nas grandes cidades é cada vez mais difícil. O aumento contínuo da população que vive e trabalha na cidade, agravado pela progressiva concentração dos serviços em determinadas zonas, o conseqüente aumento do número de veículos e a impossibilidade de realizar grandes alterações na rede de circulação são alguns dos factores que contribuem para tornar a deslocação no interior das grandes cidades qualquer coisa que raramente se faz de boa vontade

Por isso, quem, por razões de trabalho ou outras, tem de se deslocar frequentemente dentro de Lisboa, vê-se obrigado a ponderar várias possibilidades.

A primeira é, necessariamente, o automóvel particular. Oferece as grandes vantagens de comodidade e de privacidade, para além de possibilitar o acesso a quase todos os lugares. Mas os engarrafamentos quase permanentes e as dificuldades de estacionamento acabam por dificultar a sua utilização.

Em alternativa, pode utilizar-se o táxi. É uma opção que, como a anterior, é igualmente válida pela comodidade. No entanto, para além de se apresentar dispendiosa, não é, para quem tem pressa, muito aconselhável, sobretudo porque às horas de ponta é quase sempre impossível encontrá-los livres.

Quanto ao autocarro, se por um lado é um meio de transporte económico, por outro, é demasiado lento, quase nunca aparecendo às horas previstas, para além do incómodo que é viajar de pé em viaturas superlotadas.

É bem certo que há o “metro”, mais rápido e pontual; contudo, as estações nem sempre se encontram próximas dos locais onde nos queremos dirigir.

Assim, cada vez mais a motorizada se revela como sendo o único meio de transporte rápido e prático para as deslocações constantes numa grande cidade, não obstante a chuva e o frio dos dias de Inverno.

Independentemente da solução que cada um possa arranjar é necessário, de facto, usar muita imaginação e boa vontade para em Lisboa, como em qualquer outra grande cidade, não desperdiçar inutilmente o tempo.”

1) Das três possibilidades de apresentação de um problema que te indicámos em 1., em qual se inclui a do texto?

- frase geral
- interrogação
- citação

b) Transcreve a expressão que te permitiu responder.

2) Classifica sintacticamente os elementos constituintes da expressão que identificaste:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____

b) Classifica morfológicamente o primeiro elemento.

3) Tenta, agora, exprimir problemas (por exemplo, “Entrar para a Universidade é...”), utilizando a mesma estrutura sintáctica e as mesmas categorias morfológicas da frase que analisaste.

5

Relê o primeiro parágrafo do texto.

Viste que a partir da apresentação do problema, se expõem alguns factores explicativos da afirmação feita.

A partir de uma das frases que elaboraste em 4., apresenta os factores que justificam a situação.

6

Relê os restantes parágrafos do texto inicial e, à medida que o fores fazendo, preenche o quadro seguinte, mas apenas com a informação que te é solicitada relativamente aos diferentes meios de transporte, às vantagens e às desvantagens que eles apresentam (colunas 1, 2 e 4).

1	2	3	4
Meios de transporte	Vantagens		Desvantagens

a) As vantagens e desvantagens de utilização dos meios de transporte que estão ao dispor dos cidadãos são introduzidas no texto por palavras cuja função é a de estabelecer relações de dependência entre as orações como, por exemplo, o mas na seguinte frase: “As viagens de avião são muito rápidas, mas muito dispendiosas.”

Completa o quadro atrás, preenchendo a coluna 3 com as palavras utilizadas no texto para relacionar as vantagens e desvantagens apresentadas.

b) Sabendo que estas palavras servem para indicar relações, entre outras, de adição, contraste, alternativa, explicação, qual pensas ser a função dos elementos que identificaste na coluna 3?

a) Como pudeste verificar o texto dissertativo apresenta uma estrutura tripartida do seguinte tipo:

1. TESE A COMPROVAR (introdução)

realiza-se normalmente através de uma:

- frase geral
- pergunta
- ou
- citação

2. DISCUSSÃO (desenvolvimento)

pode apresentar:

- exemplificação/concretização
- e/ou
- vantagens/desvantagens
- causas/consequências

3. REAFIRMAÇÃO DA TESE (conclusão)

reafirma o ponto de vista inicial através de uma:

- frase geral
- pergunta
- ou
- citação

b) Identifica nas passagens a seguir transcritas estes momentos e os modos de os realizar:

“Aqui em Portugal, as duas classes profissionais mais curiosas são os *motoristas de táxi* e os *mecânicos de automóveis*.”

Os motoristas de táxi (pelo menos, os de Lisboa) são invariavelmente *fanáticos* de uma espécie ou de outra. Ao contrário dos barbeiros, que observam o devido respeito e silêncio, “os choferes de praça” utilizam os clientes que transportam como tempo de antena para as opiniões mais estrambólico-radicaís que há.

Se os motoristas de táxi são absolutistas radicaís, os mecânicos de automóveis são niilistas cépticos. Telefona-se para uma oficina para marcar uma hora... Eles dizem “traga o carro que a gente vê isso”. Chega-se lá... Descreve-se a avaria. Eles interrompem imediatamente, porque não suportam que alguém lhes fale de mecânica: “Isto pode ser muita coisa, ó chefe — ponha-o lá a trabalhar, que eu só de ouvir cantar já lhe digo”.

Mecânicos e motoristas de táxi — que seria da nossa vida sem eles”.

Miguel Esteves Cardoso, *Os meus problemas*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988.

“Os Portugueses são diferentes quando dizem adeus. Porquê? Quando se despedem uns dos outros, há qualquer coisa neles que se altera. Só quando se observa bem de perto é que se vê. À porta de casa, à saída do café, no fim de uma noite ou numa gare de estação, os Portugueses ficam mesmo diferentes quando se despedem de quem gostam. Ficam mais portugueses. Há sempre desespero e descrença quando se separam. Levei muito tempo a perceber porquê. É porque o português, quando se despede, *é como se fosse para sempre*.”

É por isto que os Portugueses quase nunca escrevem ou telefonam ou mandam recado. Despedem-se sempre gravemente, como se o momento fosse a morte do outro. Não dizem “Deus te acompanhe” — mandam as pessoas directamente *a Deus*. Como quem diz “Agora estás comigo, mas daqui vais para o outro mundo, adeus”. Quando saímos da vista de um português, como dizia a canção de Cole Porter, morremos um bocadinho. Não é ele que se esquece de nós. Ele lembra-se, tem saudades, pensa muitas vezes em nós. O que ele esquece é que ainda estamos vivos. Haverá lembrança que valha a doçura deste esquecimento?

Seja positivo. Mande fazer um dístico e use-o ao peito. “Eu sou português — sei despedir-me como deve ser”. E diga Adeus ao “Tchau”.

Miguel Esteves Cardoso, *Os meus problemas*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988.

“Ha annos, ha muitos annos, quando nós todos eramos novos e a politica se conservava ainda tão romantica como a litteratura, um estadista nosso, Fontes Pereira de Mello, aquelle a quem se chamava concisamente e popularmente “o Fontes”, dizia n’um discurso parlamentar, comparando Portugal ás outras nações da Europa, estas palavras consoladoras: “É certo que a nossa patria não possui como outras a riqueza commercial, as numerosas vias-ferreas, as incontaveis fabricas, os estaleiros, a ferramenta industrial, os fortes factores do progresso: mas tem sobre ellas uma superioridade, que lhe garante vida mais facil e mais livre, e é este luminoso e magnífico céo azul que nos cobre!”

Fontes, relacionando a sociologia e o clima, fazendo depender da atmospheria as qualidades e, portanto, a felicidade das nações, estava com effeito dentro d’uma doutrina muito mediocre, apesar do seculo XVIII, tão soffregio de sciencias exactas, se ter deleitado com ella, e de Montesquieu se ter constituido o seu defensor paternal e classico. Segundo essa theoria, em cada região o solo e a atmospheria influem irresistivelmente sobre todos os productos da natureza, a começar pelos homens e a acabar pelos cogumelos. Tudo provém (como demonstra o grande auctor do *Espirito das Leis*) da acção que o ar exerce sobre as fibras exteriores do nosso pobre corpo. O ar frio, como o da Inglaterra ou da Suecia, aperta essas fibras, augmenta a sua elasticidade, dá-lhes, portanto, resistencia e vigor. O ar quente pelo contrario, como o de Napoles ou de Portugal, relaxa essas fibras, diminue a sua elasticidade, faz-lhes decrescer a presteza e a força”.

Eça de Queirós, *Cartas familiares e bilhetes de Paris (1893-1896)*, Lisboa, Livraria Lello, 1944.

4

OBJECTIVOS:

utilizar mecanismos de estruturação textual; mobilizar e integrar conhecimentos prévios sobre os textos; predizer informação; formular hipóteses; identificar ideias-chave.

ACTIVIDADES

1

A receita que te é apresentada a seguir tem os passos de confecção desorganizados. Tenta reescrevê-la de forma a poderes usá-la na cozinha. Ordena os procedimentos apresentados, atribuindo o número 1 àquele que consideres ser o primeiro passo a dar. Para o fazeres, presta atenção às referências temporais, aos pronomes, às repetições de palavras e às referências aos diferentes recipientes por onde vai passando o molho até se poder usar.

Molho inglês

3 litros de vinagre	25 gramas de pimenta verde
575 gramas de açúcar	50 gramas de gengibre
12 gramas de noz-moscada, ralada	1 pé de aipo
6 gramas de cravinho	1 galho de salsa
25 gramas de pimenta branca	1 folha de louro
160 gramas de sal refinado	

- Adiciona-se-lhe o sal e a noz-moscada, o cravo, as pimentas, o gengibre, o aipo, a salsa e o louro (tudo ralado e triturado até ficar uma massa) e deixa-se no lume mais vinte minutos.
- Coa-se então, primeiro por um pano grosso e depois por um pano fino, e guarda-se em boiões de porcelana.
- Deita-se o açúcar num tacho, sem água, e leva-se ao lume, mexendo sempre, até ficar acastanhado.
- Despeja-se tudo numa vasilha de porcelana e fica assim durante 8 dias.
- Engarrafa-se e utiliza-se quando se quiser.
- Junta-se o vinagre e continua-se a mexer até o açúcar ficar diluído.
- Passado este primeiro período, passa-se por uma peneira e repousa mais 3 dias.
- Repousa durante mais 3 meses, mexendo-se de vez em quando com uma colher de pau.

2

Se no índice da tua selecta aparecesse um texto com o título “O molho”, que tipo de texto pensas que irias encontrar? Reflecte sobre os elementos em que te baseias para responder.

3

Lê então o primeiro parágrafo do texto intitulado “O molho”.

“Manteiga, farinha de trigo, sal, pimenta (um cheirinho) e queijo parmesão (ralado, está bem de ver). É assim que se faz o molho, parece-me.”

a) Confirmam-se as hipóteses que formulaste atrás?

b) Em que baseaste a tua resposta?

4

Lê o segundo parágrafo:

“Portanto, estava à mesa, com o rosbife no prato e o molho ao lado.”

a) Relativamente às hipóteses que colocaste até aqui, verificas agora a necessidade de fazer alguma reformulação? Se sim, que novos elementos influenciaram a tua decisão?

b) Formula novas hipóteses, concretamente, quanto ao tipo de texto e ao seu conteúdo.

5

Para confirmares ou corrigires as hipóteses que agora formulaste lê as duas primeiras linhas do terceiro parágrafo.

“Bateram à porta. Devia ir, a ver quem era. Se tivesse ido, entretanto o gato subia à cadeira e lambia o molho”.

6

a) Estás já de posse de alguns elementos fundamentais deste texto. Lê, agora, a parte final que te é apresentada com espaços em branco para preencheres (em cada espaço deves escrever uma só palavra). À medida que fores completando o texto verifica se tens necessidade de emendar algumas das tuas escolhas anteriores.

“Quando eu voltasse encontraria o gato _____, estrebuchando. Veneno. Quem o _____ posto no _____? Aí estava a história _____, que me ia dar uma _____ de cabeça tremenda para _____.

Mas não fui. Foi a minha tia, que gosta muito de _____. Era o correio com o _____ da véspera, como de _____.

OBJECTIVOS:

identificar ideias-chave; integrar conhecimentos sobre a organização textual; identificar mecanismos caracterizadores de realizações particulares da língua.

ACTIVIDADES

1

Normalmente, quando se faz uma entrevista, para ser publicada num jornal ou numa revista, a conversa é registada em fita magnética. A gravação dá depois origem a um primeiro texto escrito que sofre várias adaptações antes de aparecer publicado. Estas adaptações são necessárias porque a forma como utilizamos a linguagem quando falamos é diferente do uso que dela fazemos quando escrevemos. Assim, quando conversamos com outra pessoa, repetimos palavras, reformulamos frequentemente coisas que antes dissemos, temos hesitações, interrompemos palavras e frases, etc. Estes fenómenos, se não forem evitados no texto escrito, perturbam muito a compreensão de quem lê.

O texto que vais ler é a transcrição de uma entrevista que procura respeitar, na medida do possível, a fala do entrevistador, designado por A, e a do entrevistado, um pescador, designado por X; é uma entrevista num estado quase puro, antes de ser sujeita a alterações que visem dar-lhe a forma mais elaborada que um texto escrito normalmente requer.

A: e você não encontra motivo nenhum, quer dizer, deve ter uma opinião qualquer [para a falta de peixe]?

X: há aqui, há aqui, há opiniões que s (...), sobre as algas, os arrastões,

A: portanto (...)

X: dizem que é da apanha das algas que, que tira o agasalho ao peixe, o peixe vem, não encontra aquele agasalho próprio que é da natureza (...)

* Como te dissemos, este texto procura reconstituir de uma forma tão exacta quanto possível o texto oral, no vocabulário que é usado, na organização das frases, etc. Com esse fim, são utilizados alguns sinais cujo significado convém que conheças:

[] indica palavras incompletas que, com grande certeza, se pode saber quais são: ex: pa[ra];

(...) indica palavras incompletas que não podem ser reconstituídas – ex: en(...); este mesmo sinal é também utilizado para representar as passagens da entrevista que não foi possível perceber quando se ouviu a gravação;

... assinala uma suspensão do enunciado.

A: portanto mas devia, deveria haver uma lei qualquer a proteger isso.

X: eles andam a tratar disso, sim, eles andam a tratar. até, até diziam que este ano já não havia apanha de algas por causa desse motivo...

A: mas as pessoas que apanham as algas não são as mesmas que andam à pesca?

X: não, não, não, são camponeses. andam alguns marítimos, sim, mas tem os seus barcos, (...) barquinhos pequenos, não dava nada, e en(...), e então, têm esses tipos, esses tipos do, do campo, com esses fatos de borracha e tal, fazem um exame e vão a essa apanha das algas. e o marítimo diz que tem muita influência porque o peixe arribava, não é, e criava-se que era ... coisa da, da natureza e criava-se e depois a costa tinha sempre peixe e agora desde que a apanha das algas ... tem sido sempre a menos, menos, menos, menos, menos, menos e... carapaus, peixes miúdos, choupa, robalos e coiso, é um caso sério.

A: vocês pescam mais é no inverno ou no verão?

X: aqui era no verão. aqui nunca faltava peixe aqui de verão. agora nem de verão nem de inverno.

A: aqui há tempos vim cá e vim para comer pescada e não encontrei.

X: aqui não há nada, nada! estou-lhe a dizer, só agora, o que tá a aguentar sesimbra é esses pescadores que andam nesses barcos grandes. vão, afoitam-se. e é uma vida que tá muito arriscada que é muita, e muita hora de, de navegação e sem abrigo. tem que correr sempre para aqui, que seja para o mau, que seja para o bom, tem que fugir sempre para aqui que ainda é o mais perto.

A: o senhor falou-me nas algas, mas não haverá outro motivo qualquer por exemplo a sujidade dos mares, essas porcarias das fábricas, isso tudo?

X: sim, aqui, aqui há o, o... também, o contra dessas fábricas aqui de setúbal, dessas químicas que deitam para dentro de água, desses esgotos, porque temos a falta de um peixe que é a corvina,

A: ah!

X: a corvina aqui todos os anos, aqui há uns anos antes de, de botar-se essas fábricas havia aqui um... grande quantidade de corvinas; e dizem que esses esgotos quando vão para dentro de água e dá lá para o rio que envenenou tudo. tanto, tanto que não há peixe no rio, que o, o peixe ia desovar lá ao rio, ia, ia desovar, fazia o seu tempo de lá e depois saía; saía até aqui em sesimbra esperava-se por esses meses, que o peixe desovasse e que saísse para se apanhar. e agora (...) já há uns anos que esse peixe desapareceu. a corvina, então, desapareceu completamente daqui.

A: então já não há caldeiradas?!

X: aqui não há (...), há caldeiradas mas é de peixes que a gente não esperava de tar a vender, tintureiras e outros peixes assim,

A: agora vai tudo!

X: não prestam para nada, agora vai tudo na caldeirada.

A: quer dizer é batata e esses peixes.

X: pois é, é verdade, e, e o carapau e está, tá muito fraco aqui em sesimbra, muito fraco, muito fraquíssimo até, não sei.

A: em sesimbra e em todo o lado...

X: (...) em todo o lado, há, há fracasso de peixe, não sei os motivos, uns diz que é disto, outros diz que é dos arrastões, outros diz que é das algas, enfim, olhe cá estamos, cá estamos à espera que isto melhore.

A: vocês para onde é que vão pescar aqui? sai para onde? (...)

X: daqui é, agora, há, há uns anos vai o pessoal para o algarve,

A: algarve?

X: para o algarve. dantes (...) a gente não precisava de sair daqui para, para sustentar aqui o pessoal aqui, que chama a gente a terra baixa. agora não, agora tem que se deslocar para o algarve, para esse garriche, que é, só vê é céu e mar.

A: quer dizer, vocês estavam habituados a ir de manhã e vinham à tarde.

X: estamos acostumados, estávamos acostumados a abalar de noite,

A: pois de noite.

X: de noite aqui, para esses mares aqui próximos, de manhã entravam o... umas embarcações de manhã, outras à tarde, enfim, a gente não, não saía daqui para lado nenhum. vinha era o pessoal dos outros lados para aqui. e agora não, agora temos que fugir para outros lados.

A: (...)

X: enquanto, enquanto a gente dava o peixe, pa[ra], para os outros lados, vem, estamos agora à espera de peixe que venha dos outros lados para cá.”

Português fundamental. Métodos e documentos, Lisboa, INIC, 1987.

2

a) De entre as perguntas feitas pelo entrevistador, selecciona aquelas que interrogam sobre coisas das quais o pescador não tinha falado antes.

b) Tens neste momento as perguntas relativas à informação principal que o entrevistador procurava obter. Estas perguntas representam o guião, isto é, o esqueleto da entrevista.

Completa, agora, a lista de tópicos a que se referem as perguntas que seleccionaste em a).

— as razões para a falta de peixe;

— a altura do ano mais propícia para a pesca;

— _____ ;
— _____ ;
— _____ .

3

Transcreve também uma ou duas das perguntas feitas pelo entrevistador que se referem a coisas que o pescador antes disse e que, provavelmente, não terão sido previamente planeadas.

4

Ficaste a saber que uma entrevista se estrutura a partir de uma série de perguntas fundamentais, previamente preparadas. No entanto, ao longo do diálogo, o entrevistador, normalmente a partir daquilo que o entrevistado vai dizendo, dá as suas opiniões, expressa a sua concordância, faz comentários, apartes, exclamações, que têm como objectivo tornar mais fácil a conversação e obter novas informações.

Transcreve algumas das falas do entrevistador que tenham estas características.

5

Terás reparado que, tal como dissemos no início, há quer na fala do entrevistador, quer na do entrevistado, mais neste porque as suas falas são mais extensas, repetições de palavras ou de expressões, hesitações, enganos, frases interrompidas, etc.

Transcreve algumas passagens do discurso do pescador que tenham essas características.

Repetição de palavras e expressões

Palavras e frases incompletas

Reformulação de frases

6

Supõe que foste o autor da entrevista e que já a tens transcrita tal como te foi apresentada acima. Mas o teu trabalho não acaba aqui pois tens que preparar esse material para publicação numa revista. Para isso é necessário evitar que o texto mantenha as suas características de texto oral, o que quer dizer que as imprecisões, as repetições, as interrupções têm que ser evitadas; ao mesmo tempo, é preciso que a fala do entrevistado continue a possuir algumas das suas particularidades e não perca o seu valor informativo. A título de exemplo, no trecho

“X: [...] e o marítimo diz que tem muita influência porque o peixe arribava, não é, e criava-se que era ... coisa da, da natureza e criava-se e depois a costa tinha sempre peixe e agora desde que a apanha das algas ... tem sido sempre a menos, menos, menos, menos, menos, menos e... carapaus, peixe miúdo, choupa, robalos e coiso, é um caso sério”.

parece possível fazer, por exemplo, as seguintes transformações:

- eliminar a expressão “e coiso”;
- eliminar a repetição da expressão “e criava-se”;
- eliminar a repetição da palavra “menos”, substituindo-a por “cada vez menos” ou por “menos e menos”;
- substituir a conjunção “e” por ponto final;
- eliminar a interrogativa “não é”;
- eliminar as suspensões em “era...”, “algas...” e “e...”;
- eliminar a repetição da palavra “da”.

Com estas e outras alterações, uma das formas possíveis para a publicação daquela parte da entrevista seria então a seguinte:

X: [...] O marítimo diz que tem muita influência porque o peixe arribava, e criava-se como coisa da natureza; a costa tinha sempre peixe. Agora desde a apanha das algas há cada vez menos carapaus, peixes miúdos, choupa, robalos. É um caso sério.

Utilizando estes processos ou processos semelhantes, vais procurar reestruturar parte da entrevista de forma a torná-la publicável. Para isso deves ter em conta que não há um procedimento único para realizar este tipo de tarefa. A sensibilidade de cada um, neste caso particular a tua, e o conhecimento que cada um tem da sua língua são factores importantes.

A: e você não encontra motivo nenhum, quer dizer, deve ter uma opinião qualquer [para a falta de peixe]?

X: há aqui, há aqui, há opiniões que s (...), sobre as algas, os arrastões,

A: portanto (...)

X: dizem que é da apanha das algas que, que tira o agasalho ao peixe, o peixe vem, não encontra aquele agasalho próprio que é da natureza (...)

A: portanto, mas devia, deveria haver uma lei qualquer a proteger isso.

X: eles andam a tratar disso, sim, eles andam a tratar. até, até diziam que este ano já não havia apanha de algas por causa desse motivo...

A: mas as pessoas que apanham as algas não são as mesmas que andam à pesca?

OBJECTIVOS:

desenvolver capacidades de estudo; identificar informação principal por eliminação, selecção e generalização; tomar notas; usar materiais de pesquisa; adequar estratégias de leitura.

ACTIVIDADES

1

Lê o texto seguinte, retirado da *Gramática da Língua Portuguesa*, da autoria de Pilar Vázquez Cuesta e Maria A. Mendes da Luz. Ao mesmo tempo que lês vai tomando notas sobre os assuntos indicados à margem.

A ÁREA LINGUÍSTICA GALAICO-

-PORTUGUESA. EXTENSÃO E SITUAÇÃO

A língua portuguesa é uma das mais disseminadas por todo o Mundo. Podemos dizer que aproximadamente a sétima parte da Terra se expressa em português⁽¹⁾. Depois do espanhol, constitui o idioma românico que conta com maior número de falantes – uns 117 milhões de pessoas –, sendo seguido muito à distância pelo italiano e pelo francês, e apenas superado fora do âmbito da România pelo chinês, pelo inglês e pelo russo.

Como consequência da grande epopeia dos Descobrimentos marítimos em que a Península Ibérica, com um esforço gigantesco, ampliou para a Europa e para a civilização ocidental os limites da terra conhecida, o português, tal como o espanhol, difundiu-se por um vasto domínio que alcançava as regiões mais afastadas. Esta extraordinária expansão não podia deixar de enriquecê-lo com um maravilhoso caudal de experiências. Havia que mostrar ao Velho Mundo géneros de vida totalmente distintos dos europeus. E, para exprimir uma flora estranha, uma fauna surpreendente e condições religiosas, políticas e sociais diferentes das até aí conhecidas, acolheu no seu vocabulário uma multitude de palavras indígenas – algumas das quais passaram depois para o resto da Europa –, enquanto cedia aos nativos, com a evangelização, a possibilidade ecuménica da sua língua.

1. Posição relativa do português entre as línguas mais faladas:

2. Causas da expansão da língua portuguesa:

3. Causas do enriquecimento do vocabulário da língua:

(1) Estão sob domínio político deste idioma 10 686 145 km², dos quais 91 831 correspondem a Portugal, 2 078 277 às ex-colónias portuguesas e 8 516 037 ao Brasil.

2

Os dois parágrafos que acabaste de ler são sobre _____

3

Vais agora procurar acrescentar os teus conhecimentos relativos às línguas românicas, o grupo de línguas derivadas do latim a que pertence o português. Utiliza para esse fim a grelha que, abaixo, te é apresentada; consultando enciclopédias e gramáticas procura saber quais são as línguas românicas, os países onde são faladas e o número aproximado dos seus falantes.

LÍNGUAS ROMÂNICAS			
LÍNGUA	PAÍS ONDE SE FALA	NÚMERO DE FALANTES	
		Na Europa	Fora da Europa

4

a) As palavras inglesas *chocolate*, *marmelade* e *mosquito* foram importadas através do português.

Procura conhecer outras palavras inglesas ou francesas que se encontrem nas mesmas condições.

b) Recorrendo a dicionários, procura agora saber qual a origem das seguintes palavras portuguesas:

amendoim _____

ananás _____

bambu _____

bandido _____

bife _____

cacau _____

canoa _____

chá _____

envelope _____

futebol _____

jangada _____

leque _____

mensagem _____

moreno _____

pagode _____

pudim _____

queque _____

sentinela _____

violino _____

zebra _____

5

Muitas vezes necessitamos de procurar textos que possibilitem encontrar respostas a perguntas que nos colocámos ou nos colocaram. A leitura que fazemos é, por isso, rápida e selectiva. Supõe que tens estas perguntas para responder:

- a) Que testemunhos há da difusão do português na Ásia e na África?
- b) Qual era a língua mais falada em África nos séculos XVI e XVII?

Lê o texto e verifica qual delas encontra aí uma resposta mais satisfatória.

“É este, pois, para Portugal, um período de actividade intensíssima: descobrimentos, conquistas, colonização, comércio, divulgação da fé e, o que mais nos interessa aqui, expansão da língua. “... *Penetraram tudo o que o Mar Oceano cerca e consigo levaram sua língua ...*”⁽¹⁾.

O VISCONDE DE SANTARÉM, na sua erudita *Memória sobre a Prioridade dos Descobrimientos Portugueses na Costa da África Ocidental*, publicada em 1841, oferece-nos abundante documentação sobre o uso da língua portuguesa como língua geral do litoral africano durante os séculos XVI e XVII. Quando, no ano de 1551, o inglês WINDHAM chegou à Guiné, o rei de Benim falou-lhe em português, idioma que tinha aprendido na infância. Sete anos mais tarde um navio inglês encontraria em Cormentin um grande número de indígenas que falavam português. Em bom português se exprimiam também os negros que encontrou BAKER, em 1563, a oeste do cabo das Três Pontas, no seu percurso pela costa da Mina. E o escritor francês VILLAUT DE BELLEFOND, que visitou a Guiné em 1666, descreve-nos cheio de assombro como povos que não sabiam ler nem escrever falavam português, um português corrompido, naturalmente. E quase nos fins do séc. XVI escrevia outro historiador francês que os seus compatriotas tinham escutado em Bambouk, misturadas com as originárias do país, grande quantidade de palavras portuguesas, coisa que não lhes pareceu nada extraordinária ao saberem pelos próprios nativos que aquela região tinha sido invadida e conquistada noutro tempo pelos lusitanos.

Mas ponhamos de parte o fabuloso e exuberante Continente Negro e passemos à Ásia. Podemos dizer que, durante todo o século XVI, o Oriente é português e que é no idioma de Camões que se entendem europeus e nativos, graças à formação de duas línguas francas — indo-português e malaio-português — que dividem entre si o domínio de todo o extenso território onde se realiza o singular processo de intercâmbio e contacto das velhas culturas asiáticas com as jovens e dinâmicas culturas europeias.

Atestando esta enorme difusão que o português teve na Ásia em outras épocas, possuímos numerosas referências de viajantes (sobretudo dos séculos XVI e XVII), bastantes documentos oficiais, tratados de comércio, vocabulário de origem lusitana infiltrado em diversas línguas orientais e que ainda hoje perdura em muitas delas, obras de carácter didáctico para o ensino da língua de Camões, ou de carácter religioso para a propagação da Fé de Cristo, e, por último, numerosos dialectos crioulos, alguns dos quais estão vivos na actualidade.

(1) Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua Portuguesa*, Capítulo XXIV.

OBJECTIVOS:

mobilizar quadros de referência; predizer informação; formular hipóteses; identificar funções comunicativas; tirar notas; reorganizar informação.

ACTIVIDADES

1

Faz um inventário de algumas situações que a palavra “guerra” possa caracterizar:

2

Para cada situação encontra uma frase que a possa descrever e onde a palavra “guerra” ocorra obrigatoriamente:

3

O título do texto que vais ler é o seguinte: “Guerra das carnes chega ao tribunal”

a) Identifica as palavras que, neste título, apontam para a existência de um conflito.

b) Em tua opinião, de que tipo de conflito se tratará?

c) Com este título, que tipo de texto esperas encontrar?

- uma narrativa de ficção
- uma reportagem
- uma notícia
- uma dissertação

d) E qual é o tipo de informação que esperas encontrar no 1.º parágrafo?

- a caracterização de personagens
- a descrição do espaço
- uma síntese dos acontecimentos
- a apresentação de um problema a discutir

4

Lê rapidamente o texto.

GUERRA DAS CARNES CHEGA AO TRIBUNAL*

Um gigantesco matadouro quase pronto a funcionar, na Vila da Costa, está na origem do conflito surgido na Associação de Comerciantes de Carnes que poderá levar o presidente da Associação, senhor Zagalo, à posição de réu num processo accionado pelos próprios colegas da direcção.

A próxima entrada em funcionamento do matadouro poderá pôr em causa fortes interesses instalados no negócio das carnes no país. Entretanto o senhor Zagalo – simultaneamente o homem forte do matadouro – é acusado pelos seus colegas de ter movimentado em proveito próprio alguns milhares de contos provenientes de fundos da Associação.

Na versão dos opositores, o senhor Zagalo usou o dinheiro para fazer obras na sua casa, para pagar festas particulares e financiar os estudos do filho. Os membros da direcção chegam mesmo a apresentar um talão de depósito, na conta particular do presidente, de um donativo que fora entregue à Associação para organizar uma festa de Natal. Acusam-no ainda de reter milhares de cheques devidos aos sócios, como receitas da venda de subprodutos da carne comercializada por aquele organismo, que atingem cerca de 50 mil contos.

* Todos os nomes e valores referidos neste texto são fictícios.

8

Face aos elementos que constam dos quadros que vieste a preencher, dirias que numa notícia de jornal como “A guerra das carnes” se incluem:

- apenas factos
- opiniões, mas não do jornalista, e factos
- factos e opiniões, entre as quais as do jornalista

9

Em tua opinião, a 2ª parte do texto, intitulada “À espera da Judiciária”, tem a função de:

- reitar informação já apresentada
- desenvolver informação já apresentada
- apresentar informação nova

10

a) O último parágrafo do texto constitui, relativamente ao penúltimo:

- uma reafirmação
- uma generalização
- uma especificação
- uma contradição

b) Substitui o advérbio de modo que introduz este último parágrafo por outro, de forma a que a função que antes identificaste se mantenha.

Reiterar, v. tr., Repetir, fazer de novo.

11

Utilizando a informação recolhida anteriormente, reescreve o texto sob a forma de um relato feito ao jornalista pelos opositores do Sr. Zagalo. Para isso deves:

1º:

- listar as acusações feitas pelos adversários do Sr. Zagalo;

2º:

- elabora, a partir da lista, uma primeira versão do texto, procurando relacionar as frases por meio de expressões de tempo, de causa, de fim, etc.;

3º:

- rever o texto, retirando informação eventualmente repetida e verificando se os nomes que podem ser substituídos por pronomes o foram;

4º:

- redigir a versão final do texto.

OBJECTIVOS:

mobilizar e integrar conhecimentos pessoais; compreender a musicalidade da poesia;
desenvolver a capacidade imagética.

ACTIVIDADES

1

Nós gostamos de palavras como: *burburinho, manto, denso, flutuar, adejar, negro...*

a) Faz tu um inventário de algumas das palavras de que mais gostas.

b) Agora, pensa na razão por que escolheste estas palavras e não outras. Teria sido pelo seu **som**, pela **imagem que evocam** ou por outra qualquer razão?

c) Procura alargar a tua lista anterior com palavras que, pelo som ou pelo sentido, se relacionem com as que já tens.

d) Da tua lista de palavras selecciona um conjunto com o qual vais construir um pequeno texto; para o fazer podes decompor as palavras seleccionadas, repeti-las, fazer derivações; podes ainda utilizar entre cinco e oito palavras novas.

2

a) Num texto poético onde ocorra a expressão “cavalos mansos” que situações/imagens achas poderem predominar (ex.: *cavalos em prados, barulho dos cascos...*)? Faz uma lista dessas situações/imagens.

b) Lê o poema “Cavalos” de Eugénio de Andrade. Faz em primeiro lugar uma leitura silenciosa para reconhecimento das palavras e ligação dos versos. Depois, e em voz alta, lê novamente o texto.

CAVALOS

Uma canção de cavalos
me pede o Miguel que escreva:
cavalos de sol sedentos,
mansos cavalos de seda.
Cavalos bebendo a sombra
verde e rosa das palmeiras
ou bailando nas areias
com as luzes derradeiras.

Cavalos de romanceiro
disparados como setas
em terras da minha terra
ou só na minha cabeça.
Cavalos de sol sedentos,
mansos cavalos de seda:
uma canção de cavalos
me pede o Miguel que escreva.

c) Por comparação com a lista que escreveste na alínea a), diz qual foi a imagem/situação que mais te surpreendeu.

3

Faz um inventário de palavras:

— *que façam barulho:*

— *que sejam silêncio:*

4

a) Lê o poema de Vinicius de Moraes:

O RELÓGIO

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora

Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou

Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac...

Vinicius de Moraes, *A Arca de Noé*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1986.

b) Sublinha com um traço os versos que transmitem um movimento lento e com tracejado os que transmitem movimentos rápidos.

Compara esses versos. Que te parece ter contribuído para tal variação?

5

a) Redige uma lista das coisas em que nos pode fazer pensar uma sombra ou, se preferires, uma nuvem [por exemplo, “aquela nuvem parece uma gaivota no céu”; “a sua sombra faz-me lembrar um fantasma”...].

b) Faz novas associações a partir das palavras/ideias que antes inventariaste [por exemplo, fantasma → *lençóis ao vento* → *roupa em estendal* → *saias rodadas* →...].

c) Lê o seguinte poema de António Gedeão.

POEMA DO HOMEM-RÃ

Sou feliz por ter nascido
no tempo dos homens-rãs
que descem ao mar perdido
na doçura das manhãs.
Mergulham, imponderáveis,
por entre as águas tranquilas,
enquanto singram, em filas,
peixinhos de cores amáveis.
Vão e vêm, serpenteiam,
em compassos de "ballet".
Seus lentos gestos penteiam
madeixas que ninguém vê.

Oh que insólita beleza!
Festivo arraial submerso.
Poema em líquido verso.
Biombo de arte chinesa.
No colóquio voluptuoso
dessa alegria pagã,
babam-se os olhos de gozo
na máscara do homem-rã.

Suspensas e sonolentas,
rendas de bilros voláteis,
esboçam-se as formas contrácteis
das medusas nevoentas.
Num breve torpor elástico,
como dobras de sanefas,
estremeçam as acalefas
e as alforrecas de plástico.

Com barbatanas calçadas
e pulmões a tiracolo,
roçam-se os homens no solo
sob um céu de águas paradas.

Passam por entre as lisonjas
das anémonas purpúreas,
por entre corais e esponjas,
hipocampos e holotúrias.

Sob o luminoso feixe
correm de um lado para outro,
montam no lombo de um peixe
como no dorso de um potro.

Onde as sereias de espuma?
Tritões escorrendo babugem?
E os monstros cor de ferrugem
rolando trovões na bruma?

Eu sou o homem. O Homem.
Desço ao mar e subo ao céu.
Não há temores que me domem.
É tudo meu, tudo meu.

António Gedeão, *Poesias Completas*, Lisboa, Sá da Costa, 1983.

d) Escolhe do poema uma imagem que tenhas apreciado particularmente (pela oportunidade do adjectivo, pelo inesperado da comparação ou da metáfora); constrói novas imagens para o objecto a que ela se refere.



a) Lê o poema "Frutos".

FRUTOS

Pêssegos, peras, laranjas,
morangos, cerejas, figos,
maçãs, melão, melancia,
ó música de meus sentidos,
pura delícia da língua;
deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.

Eugénio de Andrade, *Aquela Nuvem e Outras*, Lisboa,
Círculo de Leitores, 1989.

b) Relê os três primeiros versos e tenta encontrar a razão de ser da ordenação que é feita dos frutos. Se quiseres podes trocar a ordem para comparar os efeitos da escolha.

c) Faz uma lista com outros frutos organizando-os de forma a poderem substituir aqueles primeiros versos. Para isso, deves procurar atender às aliterações*, à cor dos frutos, à medida** dos versos, etc.

* **Aliteração:** repetição insistente dos mesmos sons consoantes através de um ou mais versos.
** **Medida:** número de sílabas de cada verso.

Lê o texto seguinte de Mário-Henrique Leiria.

RIFÃO QUOTIDIANO

Uma nêsp^{er}a
estava na cama
deitada
muito calada
a ver
o que acontecia

chegou a Velha
e disse
olha uma nêsp^{er}a
e zás comeu-a

é o que acontece
às nêsp^{er}as
que ficam deitadas
caladas
a esperar
o que acontece

Mário-Henrique Leiria, *Novos Contos do Gin*,
Lisboa, Editorial Estampa, 1973.

OBJECTIVOS:

formular hipóteses; inferir sentidos pelo contexto; identificar ideias-chave; mobilizar e integrar conhecimentos comuns e intertextuais; dar opiniões; desenvolver a capacidade imagética; fazer juízos de valor; compreender padrões de organização textual.

ACTIVIDADES



O texto que vais ler intitula-se “Uma vida melhor”*. Em tua opinião trata-se de:

- a) um manifesto de um grupo ecologista
- b) um texto de uma organização sindical
- c) um conto
- d) outro tipo de texto Qual? _____



“Uma vida melhor” tem como subtítulo: “História indecente para os meninos lerem às escondidas”. Trata-se, portanto, de uma narrativa. Mas será uma narrativa infantil? Apresenta as razões da tua resposta.

* O conto “Uma vida melhor” foi publicado pela Editora Contexto, em 1984.

Lê agora a apresentação que acompanha o texto:

“Esta é a fantástica aventura de Luisinho que na vida de crescido se chamou doutor Luís. No dia em que a sua inteligência atingiu o esplendor descobriu que a felicidade estaria à sua espera no Rancho do Vale de Deus”.

Faz uma lista de algumas palavras ou expressões que, a partir da leitura desta apresentação, esperes vir a encontrar no texto.

4

Faz uma leitura seguida do conto.

5

Indica três razões por que gostaste ou não gostaste do texto que acabaste de ler.

6

Relê a apresentação do texto. Vais agora tentar escrever uma outra, mais extensa, por forma a transformá-la num resumo. Para isso:

a) escreve um primeiro parágrafo em que contes a vida do Luisinho, iniciando-o por “Esta é a história do Dr. Luís que na vida de miúdo se chamava Luisinho; nessa época,

* Os exercícios que têm os números 4., 5., 6., 9., 12. e 13., só poderão ser resolvidos se tiveres acesso à obra completa.

b) Escreve um segundo parágrafo em que descrevas a vida do Dr. Luís até ter ido “mais uma vez ao médico”; começa-o por “Quando o Luisinho se transformou em Dr. Luís _____

c) Escreve outro parágrafo em que dês conta da transformação do Dr. Luís. Começa por escrever “Um dia, o Dr. Luís _____

7

Lê (ou relê) o primeiro parágrafo do texto.

“O senhor doutor Luís era uma pessoa muito importante, cheio de rugas e de tosse. As rugas riscavam-lhe a cara porque tinha que estar sempre sério e isso é uma das coisas que faz pior à pele: as peles, quando se riem, fazem ginástica, o sangue anda mais depressa e as caras ficam como a erva quando chove miudinho. Em resumo: o senhor doutor Luís já há muitos anos que não regava a cara. A tosse era por causa do tabaco — o médico dizia que ele tinha “bronquite tabágica” — e o senhor doutor Luís até a dizer o nome da doença ficava importante: — “Estou com uma bronquite tabágica” — e acendia um cigarro. Como não tinha tempo para despedir as chatices pagava aos cigarros para conversarem com elas.”

a) Selecciona duas palavras que em tua opinião possam caracterizar o Dr. Luís.

b) Atribui um título a este momento do texto.

Com certeza que ao leres este parágrafo ficaste com uma determinada imagem do Dr. Luís. Vais agora tentar apresentá-la. Para isso, responde às perguntas seguintes:

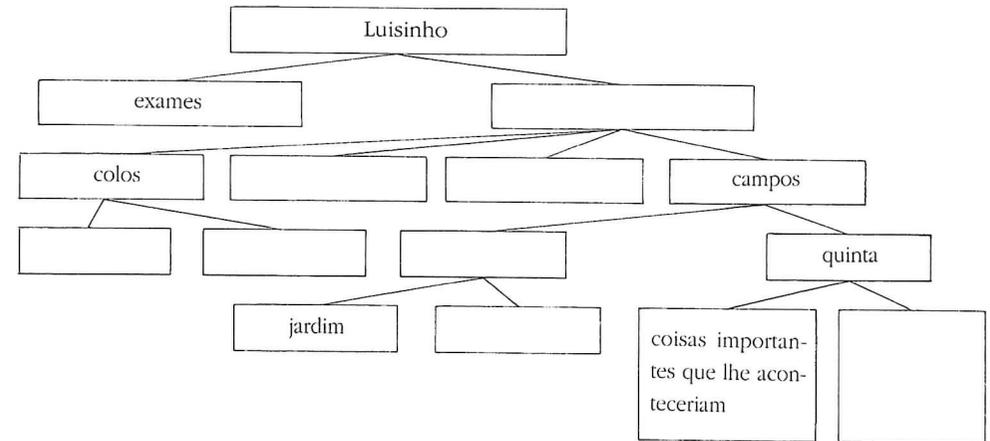
a) Como imaginaste o lugar de trabalho do Dr. Luís?

b) O que está ele aí a fazer?

c) Quais são e como são as coisas que o rodeiam?

d) Que sensações (visuais/auditivas/tácteis/olfactivas/gustativas) associaste àquelas coisas?

Lê a segunda parte do texto (até onde se lê “Tudo sem baixas do lado dele porque, nos sonhos, sempre se sai incólume”) e, ao mesmo tempo, vai preenchendo o quadro seguinte:



Terás reparado que o texto se organiza da forma seguinte: cada elemento informativo apresentado é desdobrado em dois ou mais elementos (ex.; “Havia *colos*... Estes eram *os que estavam ali mais à mão* porque havia depois *os eventuais*). Cada um destes elementos é por sua vez desdobrado (por exemplo, eram colos que estavam mais à mão o colo da Rosa, o da Tia Augusta, etc.).

Lê (ou relê) agora esta passagem em que se recordam momentos da infância do Dr. Luís:

“Foi então que o Luisinho começou a aprender a ser uma pessoa séria logo de pequenino e já estava tudo previsto: havia os exames da catequese, os exames de casa, os exames do comportamento social e os exames propriamente ditos (...) Felizmente, não havia só exames porque a vida feita por Deus tinha muita força e não estava ainda acorrentada pelas decisões dos homens. Por exemplo: havia os colos que eram uma coisa muito boa, simples e barata (...) Ainda uma coisa que não eram exames eram os campos. [Uma] vantagem dos campos eram os bichos, a saber e por ordem alfabética: borregos, burros, cabras, cães, cavalos, coelhos, galinhas, gatos, pássaros, patos, o peru do Natal, pombas e porcos. Os cães dos senhores chamavam-se umas vezes Tejo outras vezes Fiel. O cão do quinteiro chamava-se Cartuxo. Os gatos da casa não tinham nome, eram gatos, só. O gato do quinteiro era uma gata e chamava-se Popeline. Os bichos dividiam-se em várias classes, a saber: a) os que brincavam com ele, como os cães e os gatos; b) os que o deixavam brincar mas não correspondiam, como os borregos e as cabras; c) os que

serviam para ele correr atrás deles, como as galinhas e as pombas; d) os que fugiam, como os pássaros; e) os que ele não se chegava ao pé, como os cavalos e os burros: f) os que lhe metiam medo, como os bois; g) os que serviam para ele pegar ao colo sem as pessoas grandes verem, como os coelhos quando eram pequeninos; h) o que fazia glu, glu quando ele assobiava, como o peru de Natal; i) os que faziam habilidades e eram os do circo.”

a) Identifica o elemento principal que é referido na apresentação das vantagens dos campos.

b) Quais te parecem ser os critérios utilizados para a divisão deste elemento principal.

c) Constrói um esquema que considere todos os elementos referidos no trecho, à semelhança do apresentado na actividade n.º 9.

11

Em tua opinião, as classes de animais que são apresentadas neste trecho são as que podem aparecer:

a) num livro de biologia

b) numa redacção de um estudante do 4.º ano de escolaridade

c) num texto jornalístico que descreve as vantagens da vida no campo

12

Procura outras passagens do conto que tenham uma estrutura semelhante à que identificaste em 9. e que vimos ser a estrutura geral do texto.

13

Será que a conclusão a que chegaste em 11. pode ser generalizada ao conjunto do conto e em especial às escolhas que indicaste em 12.? Expõe as tuas razões.

14

Em determinado momento do conto, o grupo do Luisinho discute sobre os cartazes que no cinema anunciam um filme:

“Quando chegavam à Praça iam ver os cartazes: os do Ideal e os do Cine Moderno. Os do Ideal eram os melhores porque tinham bandidos e coisas de África. Encostavam-se aos cartazes e punham-se a identificar:

— Este é o rapaz — dizia o Artur com o dedo na cara de um.

— Lá agora — acudia o Xarréu — o rapaz é este que é o Buck Jones — e apontava outro.

Todos concordavam: o Buck Jones era o rapaz.

— Esta é a gaja — indicava o João.

— Não é nada a gaja — dizia o Zequinha. — A gaja é aquela.

O João não concordava e desfazia: — Qual? Aquela, a gaja? A gaja é mas é esta! Essa é mas é uma pindérica para encher!

No fim ficava tudo identificado: o rapaz, a gaja, o pai da gaja, o cínico, o amigo do rapaz e o bandido. Depois desalvoravam.”

Vais agora tentar escrever, de uma forma esquemática, um possível argumento do filme em causa considerando os dados seguintes: a acção decorre no Oeste americano, na cidade de Sacramento; os personagens principais são Bad Boy Hank, um bandido que domina a cidade e que tem a protecção do xerife Roy Bean; Pretty Face, filha de Old Hardheart, proprietário de um rancho de que Bad Boy Hank se pretende apoderar pela força; Illeterate John, proprietário, director e único redactor do *Sacramento News*, a gazeta local; Buck Jones, herói e *cow-boy* solitário que pela primeira vez chega à cidade.

Com estes elementos podemos já passar ao esboço da história, sintetizando a acção correspondente a cada cena. Para te auxiliar e orientar apresentamos a informação relativa a alguns dos episódios.

CENA I

Buck Jones chega à cidade e dirige-se ao *saloon*. Há uma zaragata envolvendo uns forasteiros que defendem um ingénuo jogador de *poker* e os bandidos associados a Bad Boy Hank que não admite ser acusado de ter feito batota. Buck Jones intervém, escorraça a quadrilha de Bad Boy Hank e bebe uma cerveja paga pelos forasteiros agradecidos.

CENA II

CENA III

O xerife Roy Bean procura Buck Jones no hotel onde este se instalou por aquela noite e ameaça-o de prisão caso ele faça mais alguma zaragata na cidade. Buck Jones percebe de que lado ele está e decide adiar a partida por uns tempos.

CENA IV

CENA V

CENA VI

CENA VII

CENA VIII

CENA IX

CENA X

CENA XI

Buck Jones, acompanhado por Illeterate John, prepara-se para defrontar o bando de Bad Boy Hank nas ruas de Sacramento.

CENA XII

Buck Jones abandona a cidade ao entardecer.

Lê agora a última parte do texto:

“Bom, um dia o senhor doutor Luís foi mais uma vez ao médico, que lhe disse, como se fosse um reconhecimento da sua imensa importância:

— Pois é: o senhor doutor Luís tem uma vida muito ocupada. Trabalha muito mas a vida é assim: é uma engrenagem de que a gente não se liberta (...) O que o senhor doutor tem é o *stress* — que é assim que eles dizem quando a gente anda cansado, e a gente cansa-se quando não anda nas linhas da vida. Depois recebeu-lhe remédios: um ao acordar, outro ao almoço, outro ao jantar e outro ao deitar, e ainda dois para quando se sentisse pior. Ele disse: — “Estes dois toma S.O.S.”. — que era como diziam os barcos quando se estavam a afundar.

Então lembrou-se do Titanic, um barco que também, como ele, fora educado para enfrentar todas as fúrias, mas que se afundou logo nas águas geladas ao largo da Terra Nova, a dizer, aflito: “S.O.S., S.O.S., S.O.S.” Foi quando se convenceu que era isso mesmo que lhe estava a acontecer.

Logo a seguir, o senhor doutor Luís pensou duas coisas, uma de cada vez. Primeira: que estava rodeado de coisas de que não precisava e que tinha aquela vida para manter as coisas de que não precisava e para arranjar mais coisas de que ainda precisava menos. Logo no caminho achou que não precisava daquele carro. Chegou a casa e achou que não precisava daquela casa, daqueles móveis, daquela televisão, daquilo tudo (...) Depois, achou ainda que tinha caído numa armadilha muito bem armadilhada: que talvez não lhe fosse preciso mais do que um equilíbrio entre as suas energias e a sua subsistência mais a de algumas criancinhas, porque também fora subsistido quando era criancinha, e a de alguns velhinhos, porque também precisava de ser subsistido quando fosse velhinho. Quer dizer: afinal, ao homem basta-lhe pouco.

(...) A seguir, a outra coisa que pensou foram três:

Primeira: a sua vida de *cow-boy* era saudável. Tinha a cara queimada do sol. Entroncado, batia o Oeste com sol e com chuva e, quando vinha a noite, acendia uma fogueira por causa dos coiotes e dos pumas e assava salsichas na frigideira como no anúncio da televisão.

Segunda: como tinha a cabeça muito ocupada, não tinha tempo para brincar e já não brincava a nada — nem aos *cow-boys*, nem aos jantarinhos, nem às casinhas, nem às redacções, nem sequer aos pais e às mães.

Terceira: lembrou-se que o Frei José de São José dizia que alguns eram chamados por Nosso Senhor “a uma vida melhor” e que ele só tinha uma vida pior.

No dia seguinte achou que a sua inteligência atingira todo o seu esplendor. Aproveitou aquele momento de lucidez, vendeu o escritório e com o dinheiro do escritório comprou uma quinta a que chamou “Rancho do Vale de Deus”. Rancho porque queria ter um rancho. Vale porque estava num vale. De Deus porque achou que segundo Frei José de São José isso tinha que ver com um apelo divino.

Depois, pôs-se outra vez a brincar: fez uma casinha e brincou às casinhas, fazia os jantares e brincava aos jantarinhos. Brincava às redacções, aos desenhos e a ler histórias. Depois brincava a criar bichos, às hortas, aos pais e às mães e assim. Sentia que a natureza lhe abria, devagarinho, o colo, uma vez gordo como o da sua avó, outras vezes com os dois ossos, como o da sua tia mas, de qualquer modo, terno, quente e húmido, como é a temperatura de crescer, florir, amadurecer e morrer naturalmente.”



Dá a tua opinião sobre a decisão tomada pelo Dr. Luís de alterar completamente a sua vida.



Uma das coisas que o Dr. Luís passou a fazer no seu “Rancho do Vale de Deus” foram redacções. Sobre que assuntos teria ele escrito?



Agora que acabaste de estudar o texto “Uma vida melhor”, pensa e escreve algumas perguntas que a propósito gostasses de fazer a António Alçada Baptista que foi quem o escreveu.



A este propósito, seria interessante que procurasses algumas informações ou opiniões sobre o autor e as transcreveses.



Lê, agora, este poema:

É TRISTE SER-SE CRESCIDO

É triste ser-se crescido
e não ter mais rédea solta
ir descobrindo o sentido
do mundo à nossa volta

é triste dizer adeus
aos nossos velhos cantinhos
e ouvir a nossa mãe
a mandar-nos ir sozinhos

triste é trocar os calções
por colarinho apertado
ter cartão de identidade
já com outro penteado

é triste ser responsável
guardar horas na cabeça
ter tantas obrigações
que fazem andar depressa

Rui Veloso/Carlos Tê

OBJECTIVOS:

inferir sentidos pelo contexto; reorganizar informação; identificar ideias-chave.

ACTIVIDADES



Lê a primeira parte do texto “Serra da Peneda”.

SERRA DA PENEDA

Descem, com seus pendões erguidos, os lanços do comprido escadório que baixa do templo. Lá ao cimo, a igreja arrima o granito da sua monumentalidade abarrocada ao penedo da Meadinha, melhor à peneda (o feminino aqui também como aumentativo), que individualiza a imagem sacra. Quase imediata, a dúvida surge quanto ao sagrado que é objecto de culto. A transposição dum imemorial culto da natureza para a religião oficial e imposta aparece como quase evidente.

Os oito primeiros dias de Setembro marcaram a imensa homenagem das gentes circunvizinhas, mas também das gentes vindas de horizontes mais distantes (da Galiza, insiste-se) à Senhora da Peneda. Ao longo de alguns quilómetros, em corda contínua, a longa bicha de automóveis, arrumados nos lados da estrada, é medida da devoção que lhe tributam os fiéis.

Mas, paisagisticamente, há que ver a (agora minúscula) igreja, o santuário, do miradouro que, bem passada Rouças se debruça para nascente sobre o rio da Peneda, quando este se encaminha para o Laboreiro que, por sua vez, se vai lançar no corpo do rio Lima. Daqui, olhando ao norte, fica-se no enfiamento da Serra da Peneda, da sua crista, formada pelo Outeiro Alvo (1314 m), a Penameda (1269 m) e, já mais perto de nós, a Rajada (1082).

Deste miradouro se divisam os dois vales que cingem a longa serra descarnada: a nascente, o do rio da Peneda, a poente, o do rio da Veiga. Daqui, com o auxílio do mapa metálico aí apostado para instrução dos viajantes, se distingue, à direita, o agora diminuído santuário e o penedo da Meadinha. Na base, os rasgos esbranquiçados dos caminhos que, de um lado e doutro, cinturam a montanha.

Já a poente, mais no vale e mais próximo de nós, as inverneiras: Tibo, Rouças, a Gavieira, cabeça mãe da freguesia; a maior altitude, as brandas: Junqueira, Bosgalinhas,

S. Bento do Cando. A dureza do clima e as necessidades agro-pecuárias criaram estas aglomerações duplas, habitadas alternadamente de Inverno (mas as inverneiras eram ocupadas durante uma pequena parte do ano, os três meses mais duros) e no Verão (as brandas).

Estamos na parte mais espectacular de um percurso que, a partir da EN 202, no troço que liga Monção-Melgaço, nos traz à Serra da Peneda, área minhota integrada no Parque Natural Peneda-Gerês.



Quanto ao primeiro parágrafo do texto, achas que relativamente à igreja o narrador está:

- a) num plano mais elevado
b) num plano mais baixo

Transcreve as palavras e expressões do texto em que se apoia a tua resposta.



Repara na frase: “Lá ao cimo, a igreja arrima o granito da sua monumentalidade abarrocada ao penedo da Meadinha, melhor à peneda (o feminino aqui também como aumentativo), que individualiza a imagem sacra”.

a) No dicionário, a palavra “arrimar” é explicada do seguinte modo:

Arrimar, verbo transitivo. Pôr em rima ou ruma.// O mesmo que arrumar.// Encostar, apoiar, empinar contra alguma coisa.// Bater, chegar a.

Substitui agora a palavra “arrima” de forma a manteres um sentido o mais próximo possível da frase original.

“Lá ao cimo, a igreja _____ o granito da sua monumentalidade abarrocada ao penedo da Meadinha”.

b) Conheces com certeza muitas palavras que são derivadas de um modo semelhante à palavra “abarrocada”: “apalaçada”, “acastelada”, etc.
Escreve uma frase em que entre a palavra “apalaçada”.

Supõe agora que terias de definir o(s) sentido(s) da palavra “apalaçada” para um dicionário. Fáz-lo-ias do modo seguinte:

Apalaçada, _____

A palavra “abarrocada” é uma palavra derivada de “barroco”, termo que na sua significação histórica aplicada à arte indica o período que fica entre o classicismo do séc. XVI e o neo-classicismo do séc. XVIII.

Qual te parece ser então o significado da palavra “abarrocada”?



Identifica a passagem do texto em que é referido o problema da sobreposição dos cultos pagãos aos cultos cristãos.

Procura informar-te sobre outras festividades cristãs que tenham ocupado o lugar de festas pagãs.



Lê novamente o terceiro parágrafo do texto. O narrador está agora num plano diferente do inicial. Esta diferença é marcada pela utilização de um advérbio, que nos indica estarmos já num tempo diferente do anterior, e de um adjectivo que qualifica a igreja de forma diferente. Transcreve a expressão em causa.



O viajante descreve aquilo que vê em seu redor a partir do miradouro. Faz uma lista com tudo aquilo que ele vê, organizando os elementos de nascente para poente.



Lê agora a segunda parte do texto e vai sublinhando os lugares que o viajante viu ou por onde passou:

UM ITINERÁRIO

O ponto de partida, neste caso, é a vila de Melgaço em direcção a Lamas de Mouro, porta de entrada para o parque. A paisagem é a dominante na região. Em traços grossos: nos montes e outeiros, o pinhal, nos vales e encostas mais suaves, os campos de milho, às vezes em socalcos, quando o acentuado dos declives o exige; as latadas ou ramadas a delimitarem os campos de cereal.

À medida que se sobe a mancha de vegetação vai mudando, torna-se mais frequente o carvalho, algum castanheiro, a floresta rarefaz-se. Nas encostas as povoações formam conjuntos harmónicos. Mas é, sobretudo, a serra, o dorso da serra nua, riscada por uma ou outra estrada, que passa a dominar. Passa-se Pomares, passa-se, quase em terraço, Cubalhão. Em dois ou três pontos da serra levanta-se o fumo dos incêndios quase constantes de floresta ou mato.

Aqui, crestada pelo fogo, a vegetação rasteira. Mais adiante, lá para a Branda da Bouça dos Homens, iremos seguir por uma estrada ladeada de arbustos em chama. Mas antes, iremos a Lamas de Mouro. É que, aqui, um pouco antes do aglomerado, estamos no vértice da bifurcação que, envolvente, ladeia o monte da Peneda por nascente e poente. A estrada que segue pelo vale oriental, alcatroada, é aquela que mais rapidamente nos leva ao santuário da deusa nascida numa gruta da serra.

Iremos, talvez, experimentar a estrada que nos leva pela direita, de terra batida. O nosso caminho desenrola-se ao longo de um vale, de um fio de água que parece dar-se pelo nome de ribeira da Mondoura, cujo destino final, ao norte, será o rio Mouro. O vale é suave, formado por um repousante declive. A Branda (no séc. XVIII aparece a forma “veranda”) da Bouça dos Homens, que divisamos à direita, estende-se placidamente no terreno.

A suavidade da paisagem é cortada, à esquerda, pelo relevo azul-cinzentado e nu do bloco da Peneda, erodido e rasgado de rugas. Ainda em suavidade (mas estamos numa plataforma a 1000 m de altitude), passamos junto ao cruzamento que, à direita, nos leva para a Branda da Aveleira, para Riba de Mouro. Já à aproximação da branda de S. Bento do Cando (a capela, o velhíssimo castanheiro que lhe faz frente), a vista se inclina para o vale do rio da Veiga, para o alto, para a Rajada. Bem lá no fundo, a Gavireira.

Logo a seguir, Rouças. Ao decidirmo-nos pela povoação, recusamos a estrada que, à esquerda, vai seguir para a Senhora da Peneda, a fechar o circuito envolvente, com regresso a Lamas de Mouro. Seguimos, pois, por Rouças (primeiro local onde se pode fazer uma colação, ligeira) e, abandonado o fundo do vale, vamos atingir o miradouro (cerca de 850 m de altitude) sobrepujando em forte declive a ribeira que corre três centenas e meia de metros lá em baixo. E por este caminho seguimos, por Adrão, para o Mezio, onde alcançamos a estrada que liga o Soajo a Arcos de Valdevez.

Fernando António Almeida, *in Expresso*, Setembro de 1989.

Procura agora reconstituir as notas que o viajante terá tomado ao longo do seu passeio, e que lhe terão servido para escrever o texto. Para isso utiliza o quadro que te apresentamos a seguir:

PERCURSO	APONTAMENTOS DE VIAGEM
1. Saída de Melgaço, em direcção a Lamas de Mouro.	Percurso a subir, campos de milho, rodeados por ramadas ou latadas nos vales e encostas mais suaves; pinhal nos montes e outeiros; alteração na vegetação à medida que se sobe (floresta rarefeita, mais carvalhos, castanheiros).
2. Pomares.	_____
3. _____	Vestígios de incêndios.
4. _____ (virar à direita no cruzamento antes da povoação).	À esquerda, percurso mais rápido para a Peneda; as duas estradas ladeiam o monte da Peneda.
5. Seguir ao longo da ribeira de _____	_____
6. Cruzamento. Virar em direcção a Rouças.	_____
7. Rouças. Seguir para o miradouro.	_____
8. Adrão. Mezio. Arcos de Valdevez.	_____

a) Relê os dois primeiros parágrafos do texto que já anteriormente estudaste. À medida que os fores lendo, anota à margem os assuntos de que eles tratam; fá-lo reduzindo a duas ou três palavras o assunto de cada período.

Descem, com seus pendões erguidos, os lanços do comprido escadório que baixa do templo. Lá ao cimo, a igreja arrima o granito da sua monumentalidade abarrocada ao penedo da Meadinha, melhor à peneda (o feminino aqui também como aumentativo), que individualiza a imagem sacra. Quase imediata, a dúvida surge quanto ao sagrado que é objecto de culto. A transposição dum imemorial culto da natureza para a religião oficial e imposta aparece como quase evidente.	_____
Os oito primeiros dias de Setembro marcaram a imensa homenagem das gentes circunvizinhas, mas também das gentes vindas de horizontes mais distantes (da Galiza, insiste-se) à Senhora da Peneda. Ao longo de alguns quilómetros, em corda contínua, a longa bicha de automóveis, arrumados nos lados da estrada, é medida da devoção que lhe tributam os fiéis.	_____

b) utiliza o mesmo procedimento para a seguinte passagem do *Guia de Portugal*:

Até há poucos anos o santuário da S.^a da Peneda era só acessível por velhos carreiros rústicos e pedregosas veredas da montanha. Os romeiros vinham de um lado e outro (da vertente do Lima ou do Minho) pelos caminhos tradicionais, com as suas merendas e as suas tocatas, como formigueiros, parolando, arfando e cantando.

Hoje em dia a maioria dos devotos serve-se dos meios modernos de transporte, utilizando a estrada nova (EN 202), que se aproxima do Santuário pela vertente de Melgaço. (...) As *camionetes* carregadas de romeiros ficam a meia encosta; os carros ligeiros podem ir até junto do santuário. Durante três dias e três noites a multidão pulula. No último dia acorrem os ranchos provenientes das terras da Galiza. O segundo dia é, em regra, o da debandada dos romeiros de Ribeira Lima, que, noutros tempos, subiam a pé pelas veredas montanhosas dos Arcos de Valdevez. O santuário está encravado numa estreita garganta e encostado a um formidável fraguado, que, visto do sopé, prossegue indefinidamente pela serrania fora. A serrania tumultuosa e severa barra o olhar do “visitante para todos os lados, salvo para o sul, para os lados do miradouro”, um dos mais belos pontos de visão panorâmica desta sertaneja zona montanhosa do Alto Minho.

Procura informações que possam servir de base à elaboração de um itinerário semelhante ao que vimos anteriormente, mas agora sobre a tua terra ou sobre uma região que conheças especialmente bem. Deves para isso preencher o quadro seguinte.

	Local	Aspectos paisagísticos e/ou arquitectónicos	Aspectos humanos
1			
2			
3			
4			
5			

OBJECTIVOS:

mobilizar e integrar quadros intertextuais; interrogar o texto; auto-orientar a leitura.

ACTIVIDADES

1

Vais de seguida ler uma passagem de “As minas de Salomão”, obra de Rider Haggard, traduzida por Eça de Queirós.

Possuis algum conhecimento sobre este escritor português do século XIX ?

Se sim, toma nota dessa informação.

Se não, que perguntas gostarias de fazer para ficares a conhecer Eça de Queirós e a sua obra?

2

A determinada altura da obra, podemos ler:

“Por baixo vinham linhas escritas, numa letra muito antiga e cor de ferrugem. Para mim eram ininteligíveis. Mas o papel continha a decifração, e dizia assim:

“Estou morrendo de fome, numa cova da banda norte de um destes montes a que dei o nome de «Seios de Sabá», no que fica mais a sul. Sou D. José da Silveira, e escrevo

isto no ano de 1590, com um pedaço de osso, num farrapo de camisa, tendo por tinta o meu sangue. Se o meu escravo aqui voltar, reparar neste escrito, e o levar para Lourenço Marques, que o meu amigo (*aqui um nome ilegível*), logo pela primeira nau que passar para o reino mande estas coisas ao conhecimento de El-rei, para que Ele remeta uma armada a Lourenço Marques, com um troço de gente, que se conseguir atravessar o deserto, vencer os Cacuanas que são valentes, e desfazer os seus feitiços (devem vir muitos missionários) tornarão Sua Alteza o mais rico Rei da Cristandade. Com meus próprios olhos vi os diamantes sem conta amontoados num subterrâneo que era o depósito dos tesouros de Salomão, e que fica por trás de uma figura da Morte. Mas por traição de Gagula, a feiticeira dos Cacuanas, nada pude trazer, apenas a vida! Quem vier siga o mapa que tracei, e trepe pelas neves que cobrem o Seio de Sabá, o esquerdo, até chegar ao cimo, donde verá logo, para o lado norte, a grande calçada feita por Salomão. Daí siga sempre, e em três dias de marcha encontrará a aringa do rei. Quem quer que venha que mate Gagula. Rezem pelo descanso da minha alma. Que El-Rei Nosso Senhor seja logo avisado. Adeus a todos nesta vida!”

Tal era o extraordinário documento que textualmente li ao barão Curtis e ao capitão, porque trazia sempre comigo (e ainda trago) uma tradução dele, em inglês, na carteira.”

Rider Haggard, *As Minas de Salomão*, Porto, Livraria Lello, 1935 (ortografia actualizada).



Tendo em conta as narrativas de aventuras que já leste, a informação do trecho que acabaste de ler e o título “As Minas de Salomão”, parece-te que esta passagem se encontrará:

- no meio da obra
- no início da obra
- no fim da obra



Ao leres o trecho certamente que te interrogaste, por exemplo, sobre o local onde foi lido este documento, sobre quem seriam o capitão e o barão Curtis, sobre o aspecto da feiticeira Gagula; provavelmente, também te perguntaste se iriam descobrir os tesouros, se teriam morto Gagula, etc.

Elabora, então, uma lista de todas as perguntas que esta passagem te sugere e que gostarias de ver respondidas, relativamente quer ao que já aconteceu quer ao que vai acontecer.



Com base nos teus conhecimentos de filmes ou de outros livros, com certeza que construístes mentalmente uma imagem da feiticeira, dos subterrâneos onde o rei Salomão depositou os seus tesouros e da figura da Morte que os guarda.

Antes de ires procurar resposta para as tuas perguntas, dá conta de como os imaginaste, referindo-te não só a eles em termos de formas e cores, mas também das sensações que te provocam.

A feiticeira

A figura da morte

O subterrâneo

6

No capítulo décimo terceiro de “As Minas de Salomão” podes encontrar as seguintes passagens:

“De repente distinguimos uma vaga claridade. E momentos depois parávamos no mais maravilhoso sítio que olhos humanos têm contemplado.

A nada o posso comparar melhor do que ao interior de uma imensa catedral, uma catedral de sonho ou de lenda, sem janelas, alumada por uma luz difusa e misteriosa que parecia cair das alturas da abóbada. Ao comprido desta vasta nave, como na nave de um verdadeiro templo, corriam renques de gigantescas colunas, de cor álgida de gelo e de magnífica beleza. Alguns destes nobres pilares estavam, por assim dizer, interrompidos no meio — um pedaço erguendo-se do solo, como a coluna quebrada de uma ruína grega, outro pedaço pendente da remota abóbada. Aos lados da nave abriam-se, com dimensões diversas, cavernas à semelhança de capelas, tendo também as suas filas de colunas, algumas tão pequeninas e finas como feitas para um brinquedo de criança. Aqui e além havia construções estranhas, da mesma substância álgida que parecia gelo — uma da forma de uma vasta taça, outra oferecendo a vaga aparência de um púlpito com labores pendentes. Um ar de indescritível frescura circulava dentro da vasta nave: — e por toda a parte sentíamos, na penumbra, o ruído lento de gotas de água caindo.

Não tardámos em perceber que estávamos simplesmente numa caverna de estalactites, de inigualável beleza.

(...) Gagula, porém, não nos deixou muito tempo nesta curiosa contemplação. Inquieta, batendo o chão com o cajado, a lâmpada erguida sobre a cabeça, a cada instante nos apressava, com ganidos sinistros.

— Vamos, vamos, que a Morte está à nossa espera!

O capitão John ainda tentava gracejar com a atroz criatura. Mas quando ela nos conduzia ao fundo da nave, diante de uma pequena porta semelhante às dos templos egípcios, e nos perguntou se estávamos bem preparados a entrar a morada da Morte — todos estacámos, inquietos, mudos, sem ousar o primeiro passo.

— Isto está-se tornando sinistro, murmurou o barão. Os mais velhos adiante. Passe lá, Quartelmar!

(...) Com um esforço desesperado venci o receio, alarguei o passo. E, quase colados uns aos outros, desembocámos numa sala subterrânea, evidentemente escavada outrora por poderosos obreiros no interior da montanha.

Esta sala não tinha uma luz tão clara como a catedral de estalactites; e tudo o que eu pude descobrir a princípio foi uma enorme e maciça mesa de pedra, tendo no topo uma colossal figura, que parecia presidir outras figuras abancadas em torno. Depois, sobre a mesa, no centro, distingui uma forma encruzada. E quando enfim, acostumado à penumbra, percebi o que eram aquelas formas, voltei costas, e largaria a fugir como uma lebre — se

o barão não me agarrasse pelo braço fortemente. Cedi, tremendo todo. Mas a esse tempo o barão também se habituara à luz difusa, compreendera também, e largando-me o braço, com uma exclamação, ficou a meu lado, quedo, arrepiado, limpando o suor que lhe cobrira a testa. A pobre Fulata, essa, dava gritos, agarrada ao pescoço de John. E Gagula triunfava, com sinistra zombaria.

O que tínhamos, com efeito, ante os olhos apavorados, era terrível. Ali, no topo da longa mesa de pedra, estava a *Morte*— a própria *Morte*, um medonho e gigantesco esqueleto, de pé, todo debruçado para diante, com um dos braços apoiado ao rebordo da pedra como se acabasse de se erguer do seu assento, e com o outro levantando no ar uma enorme lança, que parecia arremessar sobre nós; o crânio da caveira alvejava lugubrememente; das covas das órbitas saía um fulgor negro; e as maxilas estavam entreabertas, como se fosse falar, e desvendar o seu segredo.

— Santo Deus! murmurei eu, transido. Que pode isto ser?”

7

Depois desta leitura tenta responder a algumas das perguntas que te colocaste em 4.

8

Com certeza, houve perguntas que ficaram sem resposta e, eventualmente, ter-te-ás feito mais algumas. Para lhes responderes procura ler a obra.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Benton, Michael & Fox Geoff (1988). *Teaching literature. Nine to fourteen*. Oxford: Oxford University Press.

Este livro, que integra teoria, conhecimento e prática, responde, fundamentalmente, a três questões: “o que acontece cognitivamente quando lemos histórias e poemas? Que tipo de experiência oferecem às crianças diferentes tipos de literatura? Quais são as melhores estratégias para trabalhar textos literários na sala de aula?”. As respostas são dadas ao longo dos sete capítulos, sendo de particular interesse o quinto onde se desenvolve uma metodologia que reflecte a concepção de que a “resposta do leitor” (“reader response”) é fundamental para a construção do sentido do texto, bem como para ter satisfação na leitura; aí se enfatiza também a necessidade do conhecimento, por parte dos professores, da literatura disponível e adequada a crianças dos nove aos catorze anos.

Bertocchini, Paola & Constanzo, Edvige (1987). *Productions écrites*. Paris: Hachette.

Exercícios sobre a língua e os seus usos, organizados em quatro secções estruturadas sequencialmente, centradas na palavra, na frase, no texto e nas variações dos textos. Com objectivos mais directamente relacionados com o domínio das formas linguísticas encontramos exercícios de ortografia, enriquecimento lexical, uso do dicionário, sintaxe e reconstituição de textos; a realização de actos de fala particulares, a adequação dos enunciados à situação de comunicação e a escrita de diferentes tipos de textos são estratégias propostas para a promoção da aprendizagem no domínio dos objectivos comunicativos.

Capelle, Guy & Grellet, Françoise (1982). *C'est facile à dire!* Paris: Hatier.

Proposta de exercícios que visam desenvolver capacidades no domínio do controlo da gramaticalidade dos enunciados e da adequação da expressão a diferentes situações de comunicação. Os exercícios, de níveis de dificuldade variável e de dois tipos, autocorrectivos e abertos, estão estruturados em duas secções interdependentes: gramática e actos de fala.

Debyser, Francis (1986). *L'immeuble*. Paris: Hachette.

Este livro comporta um conjunto diversificado de actividades orientadas para o desenvolvimento da expressão escrita, envolvendo também práticas de leitura e oralidade. A originalidade desta proposta de trabalho decorre, em grande parte, da sua estruturação sobre um único universo temático – um prédio de habitação – à volta do qual se recriam situações da vida quotidiana orientadas para um fim último: a recolha de materiais para a construção de um ou vários romances.

Debyser, Francis (1986). *Les lettres de Paulette et Victor*. BELC.

Na primeira parte da obra, procede-se à decomposição de um tipo particular de texto – a carta de férias – de modo a chegar à construção de uma matriz para a qual se propõem múltiplas variações. Na segunda parte, cada uma das sequências resultantes do trabalho de análise é objecto de indicações relacionadas com o estilo, a gramática e o vocabulário. Este trabalho permite orientar a redacção de inúmeras cartas a partir da combinação das sequências, da sua adequação a situações pessoais, etc.

Dias, Patrick & Hayhoe, Michael (1988). *Developing response to poetry*. Stratford: Milton Keys.

Os autores começam por apresentar em síntese algumas correntes dominantes na teoria e crítica literárias, sobretudo nos aspectos mais relevantes para a didáctica da leitura, em articulação com a investigação sobre o processo de leitura em leitores adolescentes. A análise é acompanhada de transcrições de leituras em voz alta feitas por jovens, com o objectivo de evidenciar o que acontece na transacção entre o leitor e o texto poético e de mostrar diferenças individuais no modo de construir sentidos. Por fim, exploram-se as implicações pedagógicas da informação considerada, descrevem-se algumas abordagens que colocam o aluno no centro da reflexão sobre o texto poético e apresentam-se perspectivas de ensino da poesia em países anglófonos.

Edwards, Peter, (1987). *Reading problems. Identification and treatment*. London: Heinemann.

Incorporando investigação recente sobre o processo de leitura, este livro apresenta, de forma muito acessível, sugestões tanto para o desenvolvimento desta capacidade como para a remediação de eventuais dificuldades. Cada capítulo é dedicado a um dos seis problemas identificados, entre os quais se encontram, a dificuldade em inferir sentidos pelo contexto e a incapacidade para encontrar as ideias principais, para resumir, para responder a questões não literais, para formular juízos de valor. Para cada problema apontam-se as causas possíveis e os sinais que o manifestam, propõem-se exemplos de actividades de remediação e, através de uma listagem de métodos apropriados sugeridos pela investigação científica, apresentam-se sugestões e materiais de ensino. Na última parte do livro, analisa-se o caso de um aluno com algumas das dificuldades referidas, uma síntese das estratégias em que foi envolvido e, como modelo das aulas que frequentou, um plano detalhado da primeira aula.

Freedman, Aviva, Pringle, Ian & Yalden, Janice (1983). *Learning to write: first language/second language*. London: Longman.

Este livro inclui dezoito artigos que passam em revista os aspectos fundamentais da didáctica da escrita e da investigação sobre este processo. Os artigos estão agrupados em quatro secções, relacionadas com a análise do processo de escrita, com o desenvolvimento das capacidades de escrita, com análise das distinções entre texto e discurso e, finalmente, com a abordagem das implicações pedagógicas decorrentes de algumas das perspectivas e propostas anteriormente formuladas. Para além de fornecer pistas para trabalho de investigação sobre a escrita, esta obra pode constituir uma importante referência para o desenvolvimento de novas abordagens didácticas no domínio da escrita.

Irwin, Judith (1986). *Teaching reading comprehension processes*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.

Fundamentado em informação recente oriunda da psicolinguística e da psicologia cognitiva, com relevo particular para aspectos do processamento de informação, este livro, dirigido aos professores, sugere uma pedagogia da leitura centrada no leitor. Neste sentido analisam-se os processos envolvidos na compreensão e definem-se estratégias que ajudam os alunos a usá-las produtivamente.

Jackson, David (1983). *Encounters with books. Teaching fiction 11-16*. London: Methuen.

Neste livro defende-se a importância da ficção na aula de língua quer como processo de construir e partilhar sentidos quer como modo de conhecimento do mundo. A primeira parte da obra apresenta, em articulação com pontos de vista de natureza pedagógica, uma perspectiva teórica do valor da ficção e da narrativa; simultaneamente, sugere actividades que promovem o envolvimento activo dos jovens com os textos. Na segunda parte descrevem-se estudos de casos levados a cabo para identificar níveis de desenvolvimento da capacidade de ler ficção. Na terceira, e última parte, o autor apresenta uma lista de obras de ficção adequadas aos níveis de desenvolvimento considerados.

Johns, Jerry (1986). *Handbook for remediation of reading difficulties*. New Jersey: Prentice-Hal, Inc.

Este livro contém material muito prático para a aprendizagem da leitura e para a correcção de mais de quarenta problemas com ela relacionados. Fundamentalmente, as estratégias apresentam-se como modelos a partir dos quais os professores podem elaborar materiais próprios, adequados a cada situação específica.

O'Brien, Veronica (1985). *Teaching poetry in the secondary school*. London: Edward Arnold.

Com base na sua experiência de ensino, a autora analisa materiais e estratégias de ensino para cerca de cento e oitenta poemas. As propostas apresentadas enfatizam particularmente a necessidade de se desenvolver o gosto pela leitura de textos poéticos através de actividades de sensibilização tais como a produção de textos escritos, em detrimento de análises formais que, do ponto de vista da autora, tendem a afastar os alunos da poesia.

Mateus, M. H., Brito, A., Duarte, I. e Faria, I. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª edição revista e aumentada), Lisboa: Caminho.

Contribuição fundamental para a descrição do português contemporâneo, a *Gramática da Língua Portuguesa*, pela informação que disponibiliza ao nível dos vários componentes da análise linguística, é hoje uma referência imprescindível para os professores de Português.

Particularmente relevante, pelas virtualidades que oferece ao nível da concepção de actividades de produção e reconhecimento, parece-nos ser o capítulo dedicado à análise de aspectos semânticos e pragmáticos da língua portuguesa.

Pugh, A. K. (1978). *Silent reading. An introduction to its study and teaching*. London: Heinemann Educational Books.

Após uma introdução em que se historia brevemente a evolução da investigação sobre a "leitura em silêncio" ("silent reading"), o autor discute, numa primeira parte, a relevância de algumas abordagens para o ensino da leitura. Depois de, numa segunda parte, analisar aspectos específicos como velocidade, estilos e medição do processo de leitura, presta particular atenção à didáctica da "leitura em silêncio", apontando caminhos capazes de fundamentarem práticas consequentes na sala de aula.

Thomson, Jack (1987). *Understanding teenagers' reading. Reading processes and the teaching of literature*. New York: Nichols Publishing Company.

Na primeira parte deste livro examinam-se as diferentes correntes de análise literária, sobretudo naquilo com que podem contribuir para informar a prática de ensino e aprendizagem da leitura. A segunda parte dá conta de uma investigação levada a cabo durante dois anos junto de alunos adolescentes, com os objectivos de saber o que estes lêem, por que lêem ou não, e quais as estratégias de leitura que mobilizam quando o fazem; o modelo de estratégias de leitura que daqui decorre aponta para uma concepção do ensino da literatura que privilegia a relação do leitor com o texto enquanto processo em desenvolvimento progressivo; dão-se igualmente sugestões sobre o tipo de actividades que se consideram apropriadas para promover este desenvolvimento. Trata-se, em nossa opinião, de um livro fundamental para quem ensina a língua materna.

Vigner, Gérard (1975). *Écrire et convaincre*. Paris: Hachette.

O objectivo das actividades propostas é facilitar, a partir de exemplos, o reconhecimento e o uso dos mecanismos mais comumente utilizados no âmbito da argumentação. Nas duas primeiras partes da obra o autor descreve os instrumentos verbais usados para convencer e o modo de os utilizar; na terceira parte propõe exercícios de aplicação, sistematizando, num último momento, a informação fundamental.

Vigner, Gérard (1985). *La machine à écriture*, I, II, III. Paris: Cle International

Um conjunto de materiais centrados sobretudo no desenvolvimento das capacidades de escrita e organizados em função dos elementos que asseguram a coerência do texto (Vol. I); dos tipos de texto, definidos de acordo com as suas funções comunicativas (Vol. II); de princípios de reescrita associados à transformação dos objectivos comunicativos dos textos (Vol. III).

Os volumes I e II encontram-se traduzidos para português.

NOTA

Não pareceu pertinente aos autores, sobretudo por questões de espaço, fazer aqui referência aos artigos publicados em revistas. No entanto, e porque em alguns casos eles podem constituir importante fonte de informação, indicam-se de seguida algumas revistas que os interessados poderão, com proveito, consultar:

Études de Linguistique Appliquée

Journal of Applied Linguistics

Journal of Reading

Journal of the Reading Specialist

Palavras

Pratiques

Reading Research Quarterly

TEM. Texte en Main

The Reading Teacher